

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL
CURSO DE LICENCIATURA E BACHARELADO EM HISTÓRIA**

AMANDA HELENA MARTINS DE OLIVEIRA

“Entre feras humanas”: a sociedade patriarcal oitocentista e a configuração feminina no Maranhão a partir dos casos de Luiza B. e Mãe de Tancredo no romance "Úrsula" (1859), de Maria Firmina dos Reis

ITUIUTABA-MG
2021

AMANDA HELENA MARTINS DE OLIVEIRA

“Entre feras humanas”: a sociedade patriarcal oitocentista e a configuração feminina no Maranhão a partir dos casos de Luiza B. e Mãe de Tancredo no romance "Úrsula" (1859), de Maria Firmina dos Reis

Monografia, apresentada ao Curso de História do Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em História Licenciatura e Bacharelado.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Moreira de Araújo

Banca examinadora

Prof. Dr. Carlos Eduardo Moreira de Araújo (Orientador)

Prof.^a Dr. Aurelino José Ferreira Filho

Prof.^a Dra. Walkiria Oliveira Silva

Ituiutaba-MG, 03 de novembro de 2021

Aos meus pais, Luiz e Katia, que além da vida me proporcionaram ensinamentos íntegros, sábios e constantes.

AGRADECIMENTOS

É nos caminhos trilhados durante a vida que de fato percebemos a intensa capacidade dos indivíduos de movimentar as ondas do nosso oceano. É pensando nessa trajetória que me propus a demonstrar minha incessante gratidão em detalhes, afinal, já dizia Roberto Benigni, “demonstrar gratidão com moderação é um sinal de mediocridade”.

Minha estrada acadêmica se inicia um tempo antes de cursar História, ela caminha em conjunto com pessoas que me mostraram a importância da leitura e, Maris Ester que nos diga! É com imensa satisfação que agradeço todo empenho da melhor bibliotecária já existente, Maris, que com suas organizações de saraus e indicações de leituras mensais mergulhava-me no mundo dos livros. Cursar o Ensino Médio com professoras como Ana Lúcia Porto Faustino somou grandemente à mulher que sou hoje. Professora de português e literatura, Aninha me ensinou História por meio da Literatura e, contribuiu à minha formação visto que estávamos sem professor de História na época. Obrigada, professora porque sem dar a conhecer proporcionou ali meu primeiro contato com o que hoje seria meu campo de estudos.

Se amigos são a família que escolhemos, bom, então isso me faz esperta pois, tenho escolhido ao longo desse tempo as melhores pessoas para dividir a vida comigo. São pessoas como Lady Daiana que me auxiliaram nas escolhas mais assertivas que eu poderia me proporcionar. Lady me disse certo dia “ah faz História, acho tão a sua cara!” e ouvindo isso com empolgação selecionei o curso. Mal sabia eu que seria a escolha mais certa já feita. Obrigada, amiga!

Minha gratidão se estende ao reconhecimento e defesa da universidade pública e gratuita. Mais especificamente à Universidade Federal de Uberlândia, em especial ao Instituto de Ciências Humanas do Pontal que me proporcionou experienciar uma rotina acadêmica de qualidade, (obrigada Kátia!!) que não me deixou na mão me concedendo o auxílio moradia e alimentação, além de uma ótima estrutura física não faltando os itens necessários aos alunos (obrigada à equipe de limpeza e aos técnicos, vocês foram sensacionais).

Esta universidade é tão incrível que tive o prazer de participar de programas e laboratórios que, preciso dizer, são parte primordial à formação. Foram dias e dias de trabalhos duros e reuniões que duravam dias, mas também foi divertido, prazeroso aprender e decidir fatos

importantes, como a escolha do nome do LAPAMI que, diga-se de passagem, ficou demais mesmo! Além das diversas atividades que me proporcionaram aprendizado em equipe, o PET-História oportunizou uma relação com pessoas de diferentes pensamentos e por isso, hoje eu sou uma pessoa mais reflexiva e compreensiva. Obrigada ao programa e ao laboratório, o espaço concedido e a todos que tive o prazer de dividir esse momento.

Agradeço ao Instituto pois, foi nesse espaço que conheci as pessoas que além de me auxiliarem no desenvolvimento acadêmico, ensinaram a cuidar de mim como mulher. Emily Segal e Anamaria, ainda que o tempo não nos tenha permitido uma vivência mais longa, são parte essencial dessa fase inicial, me introduziram na rotina universitária me ensinando sobre ABNT (Emily), RU (Anamaria) e tudo mais. Fica aqui minha gratidão!

Milton Nascimento disse, então está falado “Amigo é coisa pra se guardar no lado esquerdo do peito”! Mas, confesso que se pudesse eu guardava os mais especiais no sangue porque escorre por todo o corpo e está em toda parte de mim. É assim que percebo vocês, amigas e amigos, em cada qual um universo diferente que fez com que cada um desses universos transbordasse o universo que sou hoje. Algumas eu dividi casa, Calixto primeiro, Thiele e Letícia na república seguinte. Algo em comum: ambas cuidaram de mim em momentos que precisei na casa. Calixto ficou acordada por horas com um pano em minha cabeça para febre abaixar. Enquanto Thiele alegrou meus dias mais tristes com suas piadas aleatórias, Letícia, e ouviu por tantas horas que penso como está a audição dela agora (rs). Obrigada, meninas meu corpo e psicológico agradecem. Impossível falar da melhor, Júlia Lázara, sem falar de Laura e Lázinha, que família pessoal! Sem sombra de dúvida foram as protagonistas nessa trajetória inconstante e me auxiliaram em TODOS os momentos. Não consigo pensar em pessoas melhores para Deus me presentear, amo vocês. E Júlia que me aguarde, pois é daqui pra vida toda, obrigada amiga! Dentre as mulheres de minha vida, encontram-se dois homens: Leonardo Vitalino e Igor. Vita, agradeço por tudo, aprendi muito com você. E, Igor, bom, desse é difícil falar, além de amigo é meu companheiro. Tem dividido a vida comigo desde o primeiro ano de graduação, me auxiliou em tudo que fiz até agora, me motiva, me coloca de pé, enaltece meus atributos e me ajuda a crescer como pessoa e pesquisadora. Sempre serei grata!

Nesse caminho tive o prazer de encontrar professores amáveis e sensatos, pessoas que me conduziram no ensino e pesquisa da melhor maneira possível. Quero agradecer imensamente

ao corpo docente do curso de História, em especial aos professores Eduardo Giavara, o “pai da 4ªC”, ao Aurelino que me orientou na Iniciação Científica proporcionada pelo CNPq, além de participar da banca, à Walkiria por me ensinar tanto em tão pouco tempo e por participar da banca, à Geovanna que acredito que o futuro nos destinará uma amizade longa e produtiva, à Sandra que muito aprendi e que me apresentou ao meu querido orientador, Carlos Eduardo Moreira de Araújo. Carlos, você além de orientador foi meu guia/pai acadêmico, me deu broncas necessárias, me ouviu em diversos momentos (as escadas da UFU que nos aguentem!), você nesses 4 anos de acompanhamento me ensinou mais que ninguém. As conversas de horas, ou as de minutos de corredor, me proporcionaram um aprendizado que ninguém há de me tirar. Que ser humano incrível Deus deixou entrar na UFU no mesmo ano que eu, te agradecerei para sempre, obrigada por tudo!

Por fim, cheguei até aqui tendo a convicção de ter vivido bem, pesquisei, dancei, ministrei aula, sorri, estou me formando. E nessa trajetória trilhada até aqui, as pessoas mais importantes da minha vida participaram ativamente. Meus pais, Katia e Luis, estiveram “aqui” para mim em todos os momentos, foram vocês que me trouxeram, pagaram quase toda estadia em Ituiutaba, me apoiaram e quando estive mais triste vocês me alegraram. Agradeço por ter pais atenciosos, engraçados e sábios, as pessoas mais inteligentes que conheço. Me inspiram para seguir em frente e ansiar por mais da vida, estão e sempre estarão ao meu lado. Se um dia eu terminar esse trajeto chamado vida pensando que vivi “como nossos pais”, bom eu terei vivido bem, pois vocês são os melhores, obrigada!

Na hora em que vibrou a mais sensível
Corda de tu'alma — a da saudade,
Deus mandou-te, poeta, um alaúde,
E disse: Canta amor na soledade.
Escuta a voz do céu, — eia, cantor,
Desfere um canto de infinito amor.

Canta os extremos d'uma mãe querida,
Que te idolatra, que te adora tanto!
Canta das meigas, das gentis irmãs,
O ledó riso de celeste encanto;
E ao velho pai, que tanto amor te deu,
Grato oferece-lhe o alaúde teu, [...].

Maria Firmina dos Reis

(Úrsula e outras obras. Brasília: Câmara dos
Deputados, Edições Câmara, 2018. p. 202-203)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Capítulo 1: ATUAÇÃO LITERÁRIA NO MARANHÃO DO SÉCULO XIX: CONSTITUIÇÃO DA IMPRENSA MARANHENSE, ATUAÇÃO, EXPERIÊNCIAS E BIOGRAFIA DE MARIA FIRMINA DOS REIS	19
I. IMPRENSA NO MARANHÃO DO SÉCULO XIX.....	19
II. MARIA FIRMINA DOS REIS.....	29
Capítulo 2: TRILHANDO OS CAMINHOS DA ESCRITA DE <i>UMA MARANHENSE</i>	41
I. TRILHANDO OS CAMINHOS DA ESCRITA DE UMA MARANHENSE.....	41
II. PUBLICAÇÃO E REPERCURSSÃO DE <i>ÚRSULA</i>	47
III. <i>ÚRSULA</i> : Disposição da obra – narrativa e construção das personagens.....	53
Capítulo 3: PAPEL CONDICIONADO, LEALDADE E MISSÃO: MULHERES DA ELITE MARANHENSE DO SÉCULO XIX, OS CASOS DE LUÍSA B. E MÃE DE TANCREDO	60
I. TRANSFORMAÇÃO ACERCA DA CONFIGURAÇÃO FEMININA: a maternidade construída e o ideal da mulher-mãe como "natural" ao sexo.....	60
II. IDEOLOGIA SENHORIAL: uma breve explicitação.....	65
III. PERSONAGENS E SEUS NOMES: Mãe de Tancredo e Luiza B.....	66
IV. IDEOLOGIA SENHORIAL E O CASO DE LUIZA B.: Mãe, esposa e sofrida.....	68
V. IDEOLOGIA SENHORIAL E O CASO DE MÃE DE TANCREDO: Maternidade, serviço e submissão.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85

RESUMO

A compreensão do papel da mulher como mãe no âmbito social nem sempre remeteu a “algo natural”. O processo de modernização, nos fins do século XVIII e no decorrer do XIX, afetou as funções da mulher burguesa, além também de afetar a dinâmica familiar da mulher da elite rural no Brasil. Maria Firmina dos Reis, na obra *Úrsula* (1859) expressa os modos como ela, mulher, compreende as dificuldades impostas pelo sistema paternalista brasileiro e experienciada pelas figuras maternas. Nesse encaixo, esta pesquisa cumpriu o propósito de depreender, a partir das personagens Mãe de Tancredo e Luiza B., os modos como Maria Firmina dos Reis compreendeu a configuração da mulher maranhense do século XIX dentro, assim, da sufocante dinâmica escravista e patriarcal brasileira. Para analisar as personagens, perseguimos o caminho trilhado por Sidney Chalhoub na obra *Machado de Assis historiador* (2003), que ao identificar as possibilidades e os limites da literatura como fonte, considera as subjetividades e analogias contidas nas obras machadianas. Em caminhos finais, este trabalho nos auxiliou pensar como os papéis sociais são atribuídos, ou mesmo impostos socialmente dentro de um processo complexo e não linear. Isto é, o que se percebe é que nem sempre à mulher coube a configuração da mãe como ideal ao sexo, pelo contrário, ao papel feminino de *ser mãe* não se pautava no exercício de cuidar diretamente da criança. Desse modo, esta pesquisa nos conduziu a pensar como o processo de modernização impactou profundamente as tarefas tidas como obrigatórias e “naturais” ao sexo feminino.

Palavras-chave: Maria Firmina dos Reis; *Úrsula*; Ideologia senhorial; Século XIX.

INTRODUÇÃO



O romance ficcional oitocentista *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis (1825-1917), relata o amor impossível entre Úrsula e o bacharel Tancredo. Ao descrever os dramas vividos pela jovem e por sua desafortunada mãe, bem como as infelicidades de Tancredo, que fora traído pelo próprio pai, Firmina redobra sua percepção acerca dos valores patriarcais, construindo um universo ficcional em que a donzela frágil e desvalida é disputada, ao mesmo tempo, pelo mocinho e pelo vilão. Contudo, Firmina expressa nos desenlaces da história, em suas nuances e entrelinhas, sua indignação quanto à forma de tratamento dada às mulheres e aos negros na sociedade patriarcal oitocentista maranhense, revelando elementos de recortes raciais, de cor e de gênero, constituindo a abordagem crítica principal da obra.

Maria Cristina Cortez Wissenbach analisou os diversos significados da cultura escrita dos escravos e forros na sociedade oitocentista brasileira, período em que o acesso à cultura letrada era restrito, porém não impossível, observando os múltiplos significados da escrita em cartas grafadas por escravos em São Paulo na segunda metade do século XIX.¹ Atendo-se como a socialização da prática da escrita entre os escravizados alfabetizados ampliou, por meio *registros diretos* — fragmentos de linguagens e visões particulares de mundo — as percepções acerca de aspectos socioculturais e econômicos da vida de escravizados e escravizadas.

Buscando compreender as circunstâncias que levaram à alfabetização de alguns escravizados e escravizadas no universo escravista oitocentista brasileiro, Wissenbach aponta que “aos autos judiciais foram anexadas pequenas peças escritas, utilizadas, geralmente, como evidências dos crimes — curtos bilhetes, [...] listas de objetos [...] cartas escritas de próprio punho por escravos”.² Ler e escrever para estes os acresceu do significado de identidade social, a carta, nesse sentido,

¹ WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. “Cartas, procurações, escapulários e patuás: os múltiplos significados da escrita entre escravos e forros na sociedade oitocentista brasileira”. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 2, n. 2, p.103-122, jul. 2002.

² *Ibidem*, p.108.

“transformava-se em materialidade da liberdade desejada e, em alguns casos obtida, constituindo-se de fato no único documento capaz de distinguir os forros dos escravos”.³

Embora o letramento de pessoas negras, mais viável no XIX devido ao acesso à fontes escritas⁴, não garanta o acesso à literatura e a ascensão social por meio da cultura letrada, e ainda que o Brasil do XIX tenha sido perpassado por recortes de classes, cor-raça e de gênero, alguns escritores negros e mestiços ocuparam lugares de destaque na literatura oitocentista brasileira como Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), Machado de Assis (1839-1908), José do Patrocínio (1853-1905), João da Cruz e Souza (1861-1898), Afonso Henriques de Lima Barreto (1891-1922), e a própria Maria Firmina dos Reis (1825-1917).

O diálogo entre História e Literatura possibilitou novas temáticas, novas abordagens e perspectivas para pesquisas historiográficas referentes ao Brasil Oitocentista. Por sua vez, o letramento como temática de pesquisa histórica apontou para a possibilidade de percepções de interações entre a cultura letrada nas populações negras no Brasil oitocentista, revelando convivências, nem sempre pacíficas, até com culturas além mar que também dominavam a escrita, mesmo que em outra língua, como revelou a rebelião dos escravos malês em Salvador no ano de 1835, em que os amuletos que continham escritos em árabe como proteção de quem os carregava, portados por negros rebeldes, expressava também o valor e o simbolismo da escrita naquele universo.⁵

³ WISSENBACH, op. cit. 2002, p.109.

⁴ MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: invisibilidade e presença de uma romancista negra no Brasil do século XIX ao XXI. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2018.

⁵ REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil**: a história do levante dos malês em 1835. Edição revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

No universo literário feminino do XIX destacou-se também, além da escritora, romancista, professora e autora abolicionista Maria Firmina dos Reis (1825-1917), a poetisa da segunda geração romântica Auta de Souza (1876-1901)⁶ e a poetisa e professora Luciana de Abreu (1847- 1880)⁷.

A fim de compreendermos as relações patriarcais construídas no Maranhão Oitocentista por meio da obra *Úrsula* (1859) é importante que percebamos contextos históricos e literários nos quais a obra encontra-se inserida. Assim sendo, as historiadoras Camilotti e Naxara⁸ pensam processos nos quais a História e a Literatura moderna passaram, entre o fim do século XIX e XXI, compreendendo em que medida suas fronteiras se aproximam, destacando que, embora aquelas precisem também ser observadas por vieses distintos, há muitas temáticas em comum.

Assim, ao se historicizar a literatura, entre os fins do século XIX e início do XX, as discussões em torno das fontes históricas se intensificaram. Os historiadores positivistas do século XIX desconsideravam a legitimidade histórica quando esta se ocupava dos significados de expressões literárias, obras e autores em um determinado tempo. Desse modo, para os historiadores que defendiam a história política e oficial, era necessário que se afirmasse uma separação entre história e literatura. Por outro lado, há os que acreditavam em aproximações, visto que a “história e literatura modernas que, desde seu início compartilham o interesse pelo humano – o homem alçado à condição de objeto de conhecimento.”⁹

⁶ A poetisa Auta de Souza (1876-1901) nasceu em Macaíba, então Arraial, depois cidade do Rio Grande do Norte, a 12 de setembro de 1876, Era filha de Eloi Castriciano de Souza e Henriqueta Rodrigues de Souza. Antes dos 3 anos ficou órfã de mãe e aos 4 anos de pai, e ainda menina, aos dez anos, assistiu a morte de seu querido irmão Irineu Leão Rodrigues de Souza, vitimado pelo fogo produzido pela explosão de um lampião de querosene, na noite de 16 de fevereiro de 1887. Era vista lendo para as crianças pobres, para humildes mulheres do povo ou velhos escravos, as páginas simples e ingênuas da "História de Carlos Magno", brochura que corria os sertões, escrita ao gosto popular da época. Disponível em: <<http://www.institutochicoxavier.com/index.php/informativo/biografia-2/1032-biografia-de-auta-de-souza>> Acesso em: 27 de Jul. de 2018.

⁷ Luciana de Abreu, abandonada após o nascimento (11/06/1847) na Santa Casa de Misericórdia (Porto Alegre), foi adotada em seguida por Sr. Gaspar Pereira Viana e sua esposa. Ambos se comprometeram em criá-la e educá-la. Luciana de Abreu, tanto se distinguiu nos meios culturais e nos saraus literários, realizados seguidamente em casas particulares, que acabou sendo a primeira mulher convidada a entrar para uma sociedade literária brasileira. Além disso, foi a primeira mulher a discursar em público em Porto Alegre, tendo subido na tribuna da Sociedade Partenon Literário para defender o direito das mulheres à emancipação. Infelizmente, dos discursos de Luciana poucos se salvaram. Apenas três foram publicados na íntegra nas páginas da Revista Trimestral da Sociedade Partenon Literário. Disponível em: <http://www.lec.ufrgs.br/index.php/Luciana_de_Abreu>. Acesso em: 27 de Jul. de 2018.

⁸ CAMILOTTI, Virginia; NAXARA, Márcia R. História e Literatura: fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil. **História: Questões & Debates**, UFPR, n. 50, p. 15- 49, jan./jun. 2009.

⁹ Ibidem, p.20.

Dentre os pesquisadores que foram sensíveis a outras perspectivas na História, Jules Michelet em *O Povo* (1846) percebeu a necessidade de considerar o cotidiano humano. Assim sendo, para o autor os testemunhos passaram a ocupar parte fundamental ao reconhecimento das experiências históricas. Enquanto os historiadores de ofício consideravam apenas a história dos grandes acontecimentos, este compreendeu na literatura romântica (século XIX), instrumento capaz de expressar desejos, anseios, expectativas, tristezas e dores em determinadas sociedades, uma vez que os testemunhos representavam as percepções da vida cotidiana. *O Michelet romântico*

reivindica para a história o papel de literatura de formação a partir da noção de testemunho. Coloca-se na posição de quem é capaz de, pelo testemunho e pela experiência, revelar ao próprio povo a constituição dos valores que lhe são particulares.¹⁰

Nesta percepção a figura do povo caracteriza a história em si por meio dos valores, tradições, costumes, entre outros aspectos que, por meio da literatura, a história consegue captar tão bem.¹¹ A escrita da História das mulheres na historiografia brasileira, bem como suas diversas representações e papéis tem evidenciado que as relações instituídas entre gêneros se dão a partir da compreensão de poderes em que estes se encontram inseridos nas diversas construções e representações sociais.

Michelle Perrot¹² dedica a segunda parte de sua obra às mulheres, buscando compreender aspectos históricos em que se deram sua relação com o meio social, analisando as concepções de *poder* ou *poderes* e suas interações com o feminino. A historiadora em seu processo de análise, considera que as estruturas comuns à atuação da mulher estão relacionadas ao lar e a criação dos filhos, assim, pode-se considerar que os lugares onde foram “incluídas” eram de predomínio do masculino, e, ainda que suas atuações neste espaço sejam mais notórias e comuns, as diversas relações de poder persistem em dizer qual o seu papel na sociedade.

Maria Firmina dos Reis caracteriza um tipo de mulher do século XIX maranhense, a mulher negra, não escrava e estudada vivenciou experiências contrárias aos discursos higienistas¹³ da segunda metade do XIX. A maranhense foi escritora, nascida em São Luiz (MA) em outubro de 1825

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Ibidem, p.22.

¹² PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

¹³ COSTA, Jurandir Freire. Homens e Mulheres. In: COSTA, Jurandir Freire. **A ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 215-271.

– portanto, entre a primeira e segunda fases da literatura romântica brasileira. Mulher e negra num contexto sociocultural e político de *ideologia senhorial*¹⁴, aspecto comum às mulheres oitocentistas, sofreu silenciamentos e opressões, mesmo assim sua literatura foi considerada, mesmo que discreta, audaciosa.

É considerada pioneira¹⁵ não apenas na escrita romântica feminina abolicionista, a poetisa, assim como o negro Machado de Assis mais tarde, assumiu o protagonismo da ação.¹⁶ Criou, em sua cidade natal uma escola mista para crianças pobres, pois compreendia a necessidade da interação escolar entre os sexos. É importante observar que Maria Firmina dos Reis, assim como outras escritoras da época, também se utilizou de pseudônimos, dessa forma, o romance *Úrsula* (1859) foi publicado sob pseudônimo de *Uma Maranhense*.

Encontramos, a primeira romancista abolicionista brasileira. Sua biografia nos revela que Firmina dos Reis experienciou um modo de vida diferente daquele normatizado para a mulher na sociedade oitocentista brasileira, quando decidiu não se casar, não ter filhos biológicos, estudar e interagir por meio de sua literatura e com o seu meio predominante masculino e patriarcal.

Esta pesquisa visa analisar o romance *Úrsula* (1859), bem como tangenciar elementos de como Maria Firmina dos Reis apreendeu, em sua obra, o mundo vivenciado pelas mulheres na sociedade escravista oitocentista do Maranhão. Por meio este romance histórico ficcional, analisamos em que medida o sistema patriarcal e escravista oitocentista submeteu e silenciou grupos, segmentos sociais e femininos no Maranhão, além de tangenciar as representações e ressignificações presentes em sua obra em um Brasil patriarcal perpassado por hierarquias sociais de mando e de poder masculino.

¹⁴ CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

¹⁵ É considerada por diversos autores, dentre eles ver, MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma Pioneira: Maria Firmina dos Reis. **Muitas vozes**. Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem UEPG, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p.247-260, 2013; MONTELLLO, Josué. A primeira romancista brasileira. In: DUARTE, Constância Lima *et al* (org.). **Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora**. Rio de Janeiro: Malê, 2018. p. 15-20; SIMÕES, Bárbara. Remexendo arquivos: abolição e existencialismo em Maria Firmina dos Reis. In: DUARTE, Constância Lima *et al* (org.). **Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora**. Rio de Janeiro: Malê, 2018. p. 329-348.

¹⁶ Entendendo Machado como indivíduo social, Pinto compreende como as participações do autor na sociedade fez com que ele, como negro, assumisse o protagonismo da ação. Ver, PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Fortes laços em linhas rotas: literatos negros, racismo e cidadania na segunda metade do século XIX**. 2014. 326 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014, p.113.

Para Le Goff¹⁷, o debate sobre os usos das fontes e, até mesmo o que as constitui para, e nas pesquisas históricas, é tão antigo quanto próprio ofício do historiador, e o uso da literatura como documento histórico também foi palco de debates como já apontado. Em linhas gerais, o uso da literatura como fonte histórica abarca uma ampla gama de possibilidades, nas quais novas percepções culturais, sociais e temporais podem ser apreendidas, resultando no reconhecimento das representações da realidade de diversos grupos sociais.

Esta pesquisa, ao dialogar teórica e metodologicamente com a literatura como fonte, se propôs a compreender aspectos de recortes de gênero estabelecidos na sociedade patriarcal maranhense, além das possibilidades de atuação de uma escritora abolicionista naquela sociedade: os lugares e entre lugares que sua obra ocupou, bem como suas dimensões históricas, sociais e subjetivas.

Metodologicamente, seguiu-se os caminhos e pistas de Sidney Chalhoub¹⁸, nos quais o historiador analisa diversas interpretações referentes à escrita do funcionário público e romancista Machado de Assis (1839-1908). Chalhoub procura compreender as análises realizadas por especialistas nas obras machadianas, especificamente Roberto Schwarz (1981) e John Gledson (1986), sendo capaz de observar as especificidades e subjetividades de ambos os críticos literários. Atentou-se à forma analítica de cada crítico, como a compreensão estruturalista de Schwarz, que buscou analisar as estruturas existentes no período por meio dos romances. Já Gledson, por sua vez, preocupou-se em observar os movimentos da história contidos nos romances machadianos, atentando-se aos processos e às transformações das relações sociais e políticas do século XIX.

Em sua obra Chalhoub, para além destas análises, observa também o próprio conjunto literário machadiano. Nesse sentido, preocupou-se em compreender os escritos machadianos no seu tempo de escrita, os contextos de escrita e publicação, os discursos e subjetividades em Machado, bem como analogias contidas em seu estilo literário. Tão importante quanto as análises sobre os escritos machadianos, a obra parte da perspectiva do conceito de *ideologia senhorial* compreendendo-o como predominante na sociedade oitocentista brasileira e denunciada nos romances machadianos.

O conceito desenvolvido por Chalhoub revela as façanhas da ideologia senhorial oitocentista brasileira, e se constitui em instrumental teórico-metodológico fundamental para nossa pesquisa.

¹⁷ GOFF, Jacques Le. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

¹⁸ CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Dessa maneira, ao cunhar o conceito ideologia senhorial, o historiador procurou enfatizar como tal ideologia são expressas por meio das relações e interações cotidianas de dominação nas relações de poder e de gênero apresentadas já nos primeiros capítulos da obra *Helena* (1876), por exemplo.

Por meio da análise de como as personagens femininas, e seus universos, são construídos no romance *Úrsula*, bem como as relações a elas subjacentes, pretendeu-se aqui tangenciar o universo sociocultural, político e de poder na sociedade escravista patriarcal oitocentista maranhense; bem como recortes de gênero, lugares de fala, estilo literário, lugares e entre lugares ocupados por Maria Firmina dos Reis naquela sociedade por meio de seu romance.

Mulher oitocentista, Maria Firmina dos Reis (1825-1917), utilizou-se do seu domínio da escrita e do “ofício” de escritora para exteriorizar suas percepções sobre a realidade em que vivia, e ao escrever *Úrsula*, em 1859, representou um marco na literatura romântica brasileira. Portanto, a sua trajetória, por meio de seus escritos, se insere no universo de resistência feminina no Brasil do século XIX como mulher negra, em um país patriarcal e escravocrata que se empenharia em desenvolver a educação feminina de modo mais enfático só a partir da segunda metade oitocentista.¹⁹

Ao publicar seus textos em folhetins, foi a primeira mulher a escrever um romance abolicionista no Brasil do XIX. Vinda de família de posses modestas, Firmina vivenciou em seu cotidiano as desventuras de sua classificação social.²⁰ Segundo Zahidé Muzart²¹, a vida e obra da escritora rompeu com diversos aspectos de clivagens sociais do Brasil oitocentista, nomeando-a como *uma pioneira*. Na literatura sobre sua vida e obra encontramos várias referências sobre a sua contribuição à história da escrita das mulheres e dos afrodescendentes brasileiros. Melissa Mendes²² analisa, a partir de uma perspectiva étnica e de gênero, aspectos de como as mulheres se articulavam e as condições desiguais

¹⁹ SILVEIRA, Daniela Magalhães da. **Fábrica de contos**: as mulheres diante do cientificismo em contos de Machado de Assis. 2009. 242 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009, p.129.

²⁰ MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: invisibilidade e presença de uma romancista negra no Brasil do século XIX ao XXI. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2018.

²¹ MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma Pioneira: Maria Firmina dos Reis. **Muitas vozes**. Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem UEPG, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p.247-260, 2013.

²² MENDES, Melissa Rosa Teixeira. **Uma análise das representações sobre as mulheres no Maranhão da primeira metade do século XIX a partir do romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis**. 2013. 148 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013.

em que foram submetidas na sociedade patriarcal e escravocrata brasileira descritas no romance *Úrsula*.

Outro aspecto que se destaca nas análises sobre sua obra se refere à narrativa abolicionista contida no romance, uma vez que sua escrita confere ao negro um estatuto de sujeito histórico. Para Cristina Pinto-Bailey²³, Maria Firmina dos Reis colocou-se na contramão do discurso dominante do nosso Romantismo, inaugurando, já em meados do século dezenove, a narrativa afro-brasileira. Para a autora, Firmina estava, como negra, filha de escravo e escrevendo ainda durante a vigência do sistema escravocrata, denunciando como a escravidão brasileira, como instituição, estaria condenada ao fracasso. Eduardo Duarte²⁴, a partir dos diálogos construídos pela autora na obra, compreende como a maranhense, ao relatar a sociedade escravista como *odiosa*, apresentava os aspectos negativos desta instituição que, no Brasil, só findaria em 1888, sendo o país, no conjunto dos países escravistas, o penúltimo a encerrá-la.

Nesta perspectiva, por meio da análise da obra —seus acontecimentos, espaços sociais, tramas e personagens mães — buscamos tangenciar os lugares que Maria Firmina dos Reis, entre outras mulheres, ocupou naquela sociedade como mulher. É imprescindível apontar que esta pesquisa histórica se dá por meio de livros e referências bibliográficas disponibilizadas por meio eletrônico, assim como por conta de *scanners* realizados por pessoas próximas que continham obras importantes ao trabalho.

Os conteúdos da pesquisa se encontram organizados em três capítulos. O primeiro foi destinado à pesquisa acerca da constituição da imprensa no Maranhão a fim de compreender os espaços em que Maria Firmina viria a publicar seus escritos. Ainda, o primeiro capítulo se debruça em torno na vida de Firmina tendo como intuito observar como a maranhense se relacionou com o mundo à sua volta. Em sequência, o segundo capítulo, inicialmente, nos proporciona um aparato geral de todas as obras produzidas pela professora, seguido da exposição acerca da publicação e repercussão do romance *Úrsula* (1859).

²³ PINTO-BAILEY, Cristina Ferreira. “Na contramão: A narrativa abolicionista de Maria Firmina dos Reis”. *Literafro*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p.1-8, 16 jan. 2018

²⁴ DUARTE, Eduardo de Assis. **Maria Firmina e os primórdios da ficção Afro-brasileira**. In: *Úrsula*. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

O terceiro capítulo deste trabalho nos conduz na análise das personagens-mães do romance abolicionista buscando, em linhas gerais, compreender em que medida a percepção de Firmina sobre a mulher da elite rural maranhense constitui à sua volta a configuração da mulher-mãe submissa e leal aos homens.

Capítulo 01
ATUAÇÃO LITERÁRIA NO MARANHÃO DO SÉCULO XIX: CONSTITUIÇÃO DA
IMPrensa MARANHENSE, ATUAÇÃO, EXPERIÊNCIAS E BIOGRAFIA DE
MARIA FIRMINA DOS REIS



I. IMPrensa NO MARANHÃO DO SÉCULO XIX

Considerando a autonomia que o Brasil buscou após começar a cortar os laços com Portugal no processo de Independência do país, alguns setores como a literatura se empenharam em construir uma identidade própria que não a diretamente ligada ao reino português²⁵. Tal processo se deu de modo conflituoso, e o Maranhão vivenciou essa experiência de maneira intensa. Isto é, desde a oficialização da província como novo Estado do Império brasileiro o tumulto se fez presente devido à grande movimentação em torno de discursos que, de um lado, defendiam a ideia de recolonização enquanto, de outro, se manifestavam afirmações acerca da necessidade da república²⁶.

Para tanto, seja no movimento em torno dos festejos aos costumes e à imagem do Imperador e seus familiares ou, seja pelo juramento à Constituição de 1824, a província maranhense vivenciou relações político-ideológicas intensas no território²⁷ expressadas pela

²⁵ LOURO, Yasmine. O nacionalismo linguístico em obras didáticas do Maranhão do século XIX. **Labor Histórico**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, p. 379-394, out. 2019.

²⁶ Período marcado pela agitação política em relação aos “brasileiros” e os “portugueses” e suas devidas causas políticas. A exemplo disto, Costa Pinto, presidente então, acreditava que a democracia e a república eram sinônimas que precisavam ser combatidos por ele se sustentando, portanto, em um ideal no qual pretendia-se guardar a tranquilidade pública nem que para isso precisasse sobrepor o exercício da lei. Ver, ARAÚJO, Roni César Andrade de. UM PROCESSO DE JORNALISMO NA ÉPOCA DA INDEPENDÊNCIA: maranhão, 1829-1832. **Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História**, [S.L.], v. 16, n. 27, p. 328-335, 11 mar. 2019. Universidade Estadual do Maranhão. <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v16i27.684>.

²⁷ Seja a recusa ao juramento à Independência que refletiu na expulsão de indivíduos da província ou, seja a organização de festejos no ano que se seguiu à independência em 1825, o que se pode observar é como a imprensa maranhense conseguiu consolidar um espaço, desde seu início, na formação político-ideológica da população da província. Ver, GALVES, Marcelo Cheche. “Aderir”, “jurar” e “aclamar”: o império no maranhão (1823-1826). **Almanack**, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 105-118, jun. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2236-463320110108>, p.106.

então recente imprensa provinciana. Talvez a busca por uma produção cultural e intelectual esteja ligada à esta necessidade de forjar uma identidade própria, não submissa à dominação portuguesa²⁸, tenha feito com que a província maranhense desejasse tanto a constituição da própria imprensa local.

É datado em 09 de novembro de 1821 o dia em que o governador da província à época, Marechal Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca, dialogou com Lisboa sobre o interesse do povo maranhense em obter a primeira imprensa na capital, além de criar as condições necessárias para que o jornal “se transformasse em um grande jornal para os padrões da época”²⁹. Os ânimos eram tantos que antes mesmo da primeira prensa tipográfica chegar ao território nordestino, os próprios conterrâneos se articularam para escrever um periódico manuscrito intitulado *O Conciliador do Maranhão*³⁰, estabelecido no norte da província³¹, que pouco tempo depois teria o nome modificado para *O Conciliador*, apenas³².

O periódico surtiu tanto efeito na época que sua função passou a ser considerada a de disseminação tanto da política quanto da cultura no território provincial. Seu impacto foi tamanho que chama atenção a quantidade de assinantes no decorrer de sua existência³³. São

²⁸ Uma das maneiras que a província maranhense entendeu como efetivo a perpetuação de elementos patrióticos se deu por meio da inserção de vocábulos nacionais nos livros didáticos. Ver, LOURO, Yasmine. O nacionalismo linguístico em obras didáticas do Maranhão do século XIX. **Labor Histórico**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, p. 379-394, out. 2019, p.382.

²⁹ GALVES, Marcelo Cheche. O Conciliador do Maranhão (1821-1823): um periódico no mundo ibero-americano. **Estudos Ibero-Americanos**, [S.L.], v. 46, n. 2, p. 1-18, 10 ago. 2020. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-864x.2020.2.34076>, p.05.

³⁰ PINHEIRO, Roseane Arcanjo. Gênese da imprensa no Maranhão nos séculos XIX e XX. In: V ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5., 2007, São Paulo. **Artigo**. São Paulo: Intercom, 2007. p. 47.

³¹ Primeiro ao norte, logo a imprensa maranhense chegou a percorrer a região leste, sul e por fim, oeste. Dentre os 160 títulos registrados pelo estado, constata-se que 64 destes eram de cunho literário, ou de cunho cultural. Acentua-se que do último número, 48 títulos constavam em São Luís. Ver, GADINI, Sérgio Luiz; REIS, Thays A. BREVE PANORAMA DA CULTURA NOS JORNAIS MARANHENSES DO SÉCULO XIX. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 27, n. 1, p. 148-155, jan. 2017, p.138.

³² MARTINS, Ricardo André Ferreira. Breve panorama histórico da imprensa literária no Maranhão Oitocentista. **Animus**, Santa Maria, v. 18, n. 1, p. 107, jul. 2010.

³³ Em caminhos semelhantes à imprensa francesa, no Brasil houve um esforço significativo em incorporar novos indivíduos na categoria de leitores. Assim, os periódicos tendem a se modificar conduzindo seus conteúdos de maneira mais acessível. Ver, GARCIA, Débora Cristina Ferreira; FERREIRA, Luzmara Curcino. LEITORES DE FOLHETIM DO SÉCULO XIX NO BRASIL: uma análise de representações discursivas desses novos leitores de folhetim do correio paulistano. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 1, n. 36, p. 105-131, maio 2014.

636 assinaturas ou renovações no total em que, 443 eram de diferentes cidadãos e outros 174 residentes em São Luís³⁴.

Aos poucos os periódicos foram sendo instalados e, ao desenvolverem maturidade se tornaram reconhecidos como “instituição de prestígio na sociedade local”³⁵. A constituição de um parque tipográfico próprio, bem como de algumas tipografias particulares, foi suficiente para que o desenvolvimento da imprensa na província cativasse tanto o frequente público leitor, quanto parcela populacional que viria a ser integrada.

O conteúdo do jornal se constituía por atos administrativos e notícias resumidas. *O Conciliador* foi palco das disputas políticas da época, sofrendo, inclusive, perseguição dos desafetos. Esse tipo de notícia se tornou propícia devido à baixa popularidade do príncipe D. Pedro I, o que deu espaço para sedições e revoltas. Para tanto, ainda com a extinção da censura³⁶ o período se torna acolhedor ao surgimento de inúmeros jornais pelo Brasil “contagiados por este ambiente de renovação política”³⁷.

Dentre os diversos jornais constituídos nessa efervescência da imprensa no país, merecem destaque *O Jornal de Timon* (1852-1855) de João Francisco Lisboa e o panfleto *A Casca de Caneleira* (1866) o qual entre os muitos redatores se encontrava Francisco Sotero dos Reis³⁸. Assim, paralelo ao desenvolvimento da imprensa maranhense, da consolidação dos *homens de letras*, bem como dos periódicos de cunho partidário havia, a circulação de revistas literárias e científicas, que tinham por temas desde assuntos sobre saúde e bem-estar, até

³⁴ GALVES, Marcelo Cheche. *O Conciliador do Maranhão (1821-1823): um periódico no mundo ibero-americano*. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 46, n. 2, p. 1-18, maio 2020, p.5.

³⁵ LOPES, 1959, apud, ZIN, Rafael Balseiro. *Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista*. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016, p.31.

³⁶ LOPES, Dirceu Fernandes. *Resgate histórico do jornalismo brasileiro – parte 1: Dos primórdios até a Proclamação da República*, [s.d.].

³⁷ A extinção da censura culminou com a proliferação de órgãos da imprensa em paralelo com o aumento das tipografias tanto na província do Rio de Janeiro quanto na província maranhense, recém inserida no mundo impresso. Ver, MARTINS, Ricardo André Ferreira. *Breve panorama histórico da imprensa literária no Maranhão Oitocentista*. *Animus*, Santa Maria, v. 18, n. 1, p. 109, jul. 2010.

³⁸ Francisco Sotero dos Reis era primo de Maria Firmina dos Reis por parte da mãe de Firmina e seus laços com a família Reis.

filosofia, religião e a própria literatura³⁹. Conforme a imprensa foi se consolidando os conteúdos começavam a se tornar especializados.

Com o objetivo de transmitir cultura e educação aos cidadãos⁴⁰ se cultivava, daí em diante, tanto as belas artes quanto as artes em geral, sem contar o interesse em estimular o debate intelectual referente as realidades política, econômica e cultural tanto do Maranhão quanto do Império. Para tais propósitos, a imprensa maranhense buscou manter os periódicos acessíveis e, por isso, exigia uma escrita simples e envolvente banalizando os conteúdos, com intuito de conquistar novos leitores, para além da manutenção dos assíduos⁴¹.

O que se constata é a curta ou *curtíssima duração* de alguns periódicos, como é o caso dos de cunho recreativo com função de liberar a “produção literária de homens e mulheres”⁴². Ademais, como é de se esperar, alguns indivíduos se destacaram disseminação de periódicos no Maranhão. A exemplo disto, é possível perceber como João Francisco Lisboa e Francisco Sotero dos Reis influenciaram a vida cultural e intelectual da província de São Luís⁴³ e seus arredores, a partir da criação de vários periódicos. Ambos são tidos como figuras importantes na consolidação tanto da opinião pública, quanto na ampliação e fortalecimento da atividade letrada e do pensamento político da província nordestina.

Considerando o exposto, a influência na província maranhense por parte do primo de Maria Firmina dos Reis, Francisco Sotero dos Reis, se deu devido às publicações de artigos de

³⁹ ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis**: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016, p.31.

⁴⁰ Há um debate intenso em relação ao conceito de cidadania a partir do disposto na Constituição de 1824. Para todo fim, considera-se aqui como brasileiros com determinado poder econômico. Nesse sentido, os cidadãos são distintos entre ativos e inativos; somente aqueles com renda líquida anual igual ou superior a 100 mil réis, por bens de raiz, indústria, comércio ou empregos, eram considerados como ativos, e, conseqüentemente, tinham voto nas eleições primárias. Ver, RI, Luciene Dal. A construção da cidadania no Brasil: entre império e primeira república. **Espaço Jurídico**, Joaçaba, v. 11, n. 1, p. 7-36, jan. 2010.

⁴¹ MARTINS, Ricardo André Ferreira. Breve panorama histórico da imprensa literária no Maranhão Oitocentista. **Animus**, Santa Maria, v. 18, n. 1, p. 119, jul. 2010.

⁴² ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis**: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016, p.32.

⁴³ São Luís foi a primeira região do Maranhão que registrou impressos partir da segunda década do século XIX. Ver, PINHEIRO, Roseane Arcanjo. Gênese da imprensa no Maranhão nos séculos XIX e XX. In: V ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5., 2007, São Paulo. **Artigo**. São Paulo: Intercom, 2007. p. 48.

crítica literária, assim como a divulgação de talentos locais e nacionais⁴⁴, ajudando a forjar a fama do Maranhão como “celeiro” de intelectuais e de homens de letras⁴⁵. Ainda que Francisco Sotero dos Reis seja primo e contemporâneo à Maria Firmina, não há indícios escritos ou testemunho oral capazes de comprovar o contato entre os dois intelectuais maranhenses⁴⁶.

No entanto, Luiza Lobo⁴⁷ defende que o parentesco entre ambos possa ter servido para inserção da escritora na vida cultural do Maranhão. O que se considera aqui, visto a possibilidade imensa de duas pessoas aparentadas estarem simultaneamente inseridas no mundo intelectual maranhense. O que se sabe ao certo é que mesmo sem o possível contato direto, a vida de ambos foi entrelaçada quando Firmina, assim como outras mulheres da época, registraram suas escritas nos periódicos entre os quais seu primo serviu como fundador⁴⁸.

Para tanto, ao se falar acerca da constituição da imprensa no Maranhão não se pode deixar de lado nomes como de João Francisco Lisboa e Francisco Sotero dos Reis. Como apontado anteriormente, os intelectuais foram importantes para edificação e fortalecimento da cultura letrada na província nordestina no período oitocentista. Assim, compreende-se ambos como difusores da atividade letrada, assim como pelo gosto da leitura em parte do Maranhão.

Autodidata, Sotero dos Reis se encontrava mergulhado no aprendizado de literatura, latim e língua portuguesa. Em seus artigos publicados nos periódicos maranhenses, o primo de Firmina se firmava ante uma postura conservadora, a qual elencava como necessária a defesa

⁴⁴ MARTINS, Ricardo André Ferreira. Breve panorama histórico da imprensa literária no Maranhão Oitocentista. *Animus*, Santa Maria, v. 18, n. 1, p. 116, jul. 2010.

⁴⁵ Essa compreensão pode ser percebida na ideia do Maranhão como Atenas Brasileira. Esse chamado “mito da Atenas” é analisado por Jesus (2015) como reflexo de uma sociedade constituída, nos primórdios da adesão da província à Independência, no enalço das manifestações intelectuais de escritores e jornalistas do território. O mito se encontra na percepção de que o “celeiro” tenha se esvaziado após a libertação dos escravos no Brasil em fins do século XIX, assim, com o fim da escravidão se encerra a Atenas. Ver, JESUS, Matheus Gato de. **Racismo e Decadência: sociedade, cultura e intelectuais em São Luís do Maranhão**. 2015. 141 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015, p.12.

⁴⁶ ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista**. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016, p.33.

⁴⁷ LOBO, 2011, p.112, apud ZIN, Rafael Balseiro. Maria Firmina dos Reis e a imprensa literária no Maranhão do século XIX. *Rev. Interd. em Cult. e Soc. (Rics)*, São Luís, v. 4, n. especial, dossiê temático, p. 15-27, jan. 2018.

⁴⁸ ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista**. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016, p.34.

dos princípios da Constituição da época⁴⁹. Em outras palavras, sua escrita se portava para além dos âmbitos literários e como jornalista sua posição política⁵⁰ se apresentava nos artigos desempenhados pelo autor.

Sua primeira aparição na imprensa se deu por meio do periódico *Argos da Lei* (1825), coordenado por Odorico Mendes. O periódico por não alcançar um número almejado de leitores foi fechado, não profetizando o triunfo acreditado por João Francisco Lisboa⁵¹, dando abertura, portanto, a outro jornal na época intitulado *O Maranhense* que foi modificado de nomenclatura para *O Constitucional* em 1831. Independente do nome da época, este periódico se tratava de assuntos de cunho político, no qual “defendiam a moderação e o abandono das antigas tensões e rivalidade entre portugueses e brasileiros”⁵².

No decorrer de sua trajetória na imprensa maranhense, Sotero dos Reis, em 1836, editou o periódico *O Investigador Maranhense* que fechou três anos depois e foi substituído pela *Revista*. É neste periódico que Sotero publica grandes artigos de crítica literária, além de apresentar à sociedade diversos escritores nacionais, entre eles não podemos deixar de destacar o ilustre Gonçalves Dias⁵³. *A Revista*, nesse caminho, considerada o periódico mais importante publicado por ele, tem seu fim na década de 50 do século XIX⁵⁴.

⁴⁹ MARTINS, Ricardo André Ferreira. Breve panorama histórico da imprensa literária no Maranhão Oitocentista. *Animus*, Santa Maria, v. 18, n. 1, p. 113, jul. 2010.

⁵⁰ Era comum que os jornalistas expressassem suas opiniões políticas nos periódicos. Isso acontece com Aluísio Azevedo quando o escritor nos jornais *A Flecha*, *O Pensador*, *A Pacotilha* manifesta seu posicionamento político e ideológico, atacando frontalmente a Igreja. Ver, FONSÊCA, Natália Raposo da. Aluísio Azevedo e a imprensa maranhense do século XIX. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 31, 2008,. Natal: Intercom, 2008. p. 5.

⁵¹ ARAÚJO, Roni César Andrade de. O Impacto da Escrita na Sociedade Maranhense do Início do Século XIX. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: S.I., 2015. p. 6.

⁵² MARTINS, Ricardo André Ferreira. Breve panorama histórico da imprensa literária no Maranhão Oitocentista. *Animus*, Santa Maria, v. 18, n. 1, p. 116, jul. 2010, p.113.

⁵³ Entre as décadas de 1840 a 1860, com a pacificação da Balaiada o influxo de algodão no Maranhão contribuiu para a formação de um cenário favorável à disseminação da imprensa, assim autores como Gonçalves Dias, Odorico Mendes, o próprio Sotero dos Reis, entre outros foram lançados ao conhecimento nacional. Ver, MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. *Estudos Avançados*, [S.L.], v. 33, n. 96, p. 91-108, ago. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3396.0007>, p.95.

⁵⁴ MARTINS, Ricardo André Ferreira. Breve panorama histórico da imprensa literária no Maranhão Oitocentista. *Animus*, Santa Maria, v. 18, n. 1, p. 114, jul. 2010.

Já em 1856 Francisco Sotero dos Reis passa a escrever no jornal oficial da província intitulado *Publicador Maranhense*, periódico do proprietário da tipografia onde era impresso, Inácio Ferreira. Sotero dos Reis, após cinco anos no *Publicador*, decide ar um novo rumo a sua carreira. Abandona o jornalismo e decide se empenhar no exercício do professorado, da atividade literária e da filologia.⁵⁵

O que não se pode negar na trajetória intelectual de Francisco Sotero dos Reis, é como o escritor, jornalista e professor brasileiro contribuiu para a edificação do gosto literário de seu período. Não obstante, sua atuação como jornalista surtiu influência significativa acerca nos acontecimentos da província maranhense “ajudando a consolidar a fama do Maranhão como o “celeiro”, já apontado anteriormente, com repercussão nacional⁵⁶.

Sendo assim, a província, com auxílio de intelectuais como Sotero dos Reis, é consolidada no mundo literário a partir da fundação, ainda que de curta duração, de muitos periódicos no território dando espaço às publicações poéticas. Tal efervescência intelectual em São Luís foi responsável também por produzir valores compromissados com o processo de civilização aos moldes da Europa, sem pretensão de incluir a cultura popular, seus negros e indígenas⁵⁷. Dessa maneira, o Maranhão é tido como um dos territórios com parque tipográfico mais ativos e avançados do Brasil no período apresentado⁵⁸.

A dimensão⁵⁹ dessa consolidação do Maranhão no mundo literário pode ser observada por meio da atuação de periódicos literários na província. O *Jornal de Instrução e Recreio*, revista de belas-letas escrita por literatos, se trata do primeiro periódico de cunho literário publicado na província maranhense. Mais tarde, em 1846, o jornal é substituído pelo *O Arquivo*,

⁵⁵ Ibidem.

⁵⁶ Ibidem, p. 116.

⁵⁷ MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. *Estudos Avançados*, [S.L.], v. 33, n. 96, p. 91-108, ago. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3396.0007>, p.96.

⁵⁸ MARTINS, Ricardo André Ferreira. Breve panorama histórico da imprensa literária no Maranhão Oitocentista. *Animus*, Santa Maria, v. 18, n. 1, p. 117, jul. 2010.

⁵⁹ Para compreensão dessa dimensão, podemos citar que apesar da longa “decadência” da província com sua reestruturação no âmbito econômico de maneira lenta, a vida literária do período se fazia excepcional por meio da ruminação dos intelectuais maranhenses nos diversos periódicos atuantes. Ver, MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. *Estudos Avançados*, [S.L.], v. 33, n. 96, p. 91-108, ago. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3396.0007>, p.96.

o interesse se firmava na divulgação das letras e da ciência, assim como do gosto acerca da instrução dos maranhenses. Para isso, os assuntos abordados se pautavam em diversas temáticas prevalecendo, entretanto, os assuntos do campo literário.

Nesse caminho, tanto o *Jornal de Instrução e Recreio* quanto *O Arquivo* foram essenciais para formação da primeira geração literata maranhense⁶⁰. A intenção desses periódicos se encontrava em colecionar um número significativo de leitores a fim de que a província, como um todo, se tornasse leitora assídua. Para isso, os jornais se empenhavam em produzir conteúdo com linguagem acessível, sem perder o padrão culto de escrita, o intuito era a necessidade de vulgarização dos periódicos aos propósitos supracitados⁶¹.

Um periódico também importante nessa fase é intitulado *Eco da Juventude*, que reunia um conjunto significativo de literatos. O periódico teve 24 números, cada um com 8 páginas semanais.⁶² A influência da imprensa literária aumentou devido à importância social dos conteúdos capazes de conduzir os interesses políticos e culturais da província. Vê-se que “o *Eco da Juventude*, portanto, era um dos índices do processo de maturação e fixação das tradições literárias e intelectuais maranhenses”⁶³.

Esses periódicos apresentaram à sociedade diversos literatos, como já citado *A Revista*, por meio de Sotero dos Reis, divulgou Gonçalves Dias. Os periódicos além de propiciarem o lançamento de diversos intelectuais como biógrafos também colecionou ficcionistas que mais tarde foram reunidos no *Parnaso Maranhense*⁶⁴. Dentre os diversos nomes presentes na obra, Maria Firmina dos Reis é a única mulher citada⁶⁵.

Também dentre os periódicos que visavam a vulgarização do gosto pelas letras e ciências, além de ser utilizado como dispositivo a serviço do processo de civilização da

⁶⁰ MARTINS, Ricardo André Ferreira. Breve panorama histórico da imprensa literária no Maranhão Oitocentista. *Animus*, Santa Maria, v. 18, n. 1, p. 117, jul. 2010.

⁶¹ *Ibidem*.

⁶² MARTINS, Ricardo André Ferreira. Breve panorama histórico da imprensa literária no Maranhão Oitocentista. *Animus*, Santa Maria, v. 18, n. 1, p. 117, jul. 2010.

⁶³ *Ibidem*.

⁶⁴ MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. *Estudos Avançados*, [S.L.], v. 33, n. 96, p. 91-108, ago. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3396.0007>, p.98.

⁶⁵ MARTINS, Ricardo André Ferreira. Breve panorama histórico da imprensa literária no Maranhão Oitocentista. *Animus*, Santa Maria, v. 18, n. 1, p. 122, jul. 2010.

população e “inculcação das tradições locais”⁶⁶, o jornal *Semanário Maranhense* (1867-1868)⁶⁷ publicou e reconheceu uma nova geração de intelectuais e literatos da época. O periódico reuniu homens remanescentes como Francisco Sotero dos Reis, bem como publicou alguns poemas de Maria Firmina dos Reis.

Desse modo, o jornal surtiu um efeito distinto dos demais, quando intentou que as ciências, arte e literatura ocupassem lugar especial na pauta da opinião pública para além das fronteiras maranhenses. Isto é, o jornal tinha por intuito reproduzir no Maranhão desenvoltura intelectual similar à que ocorria no Rio de Janeiro por meio do gosto pela literatura folhetinesca.

Para esse fim, o periódico se empenhou em publicar escritores de âmbito nacional e internacional como José de Alencar e José Bonifácio de Andrada e Silva. Machado de Assis, por exemplo, chegou a publicar uma tradução do poema de Alexandre Dumas Filho, *Estâncias a Emma*⁶⁸. Contudo, o jornal se encerrou quando Joaquim Serra⁶⁹ se mudou para o Rio de Janeiro se sentindo frustrado pela província maranhense não conseguir se desenvolver na plenitude de agitação que o Rio conseguiu.

As pautas dos jornais aumentavam com o passar do tempo e questões como a promoção do acesso à instrução pública para todos os cidadãos da província eram consolidadas. Jornais como *Eco da Juventude* atraíram diversos literatos, entre eles encontramos Maria Firmina dos Reis. Neste, a autora publicou alguns de seus poemas, assim como a versão final do conto *Gupeva* (1861) e, aos poucos se fez conhecer em outros periódicos, como é o caso do *Semanário Maranhense*.

⁶⁶ Ibidem, p. 124.

⁶⁷ O periódico foi fundado por Joaquim Maria Sobrinho Serra, professor, político, poeta e jornalista. Este participou da campanha de abolição e fez essa defesa nos periódicos, iniciando suas atividades nos jornais em 1859. Ver, MARTINS, Ricardo André Ferreira. Breve panorama histórico da imprensa literária no Maranhão Oitocentista. *Animus*, Santa Maria, v. 18, n. 1, p. 122, jul. 2010.

⁶⁸ MARTINS, Ricardo André Ferreira. Breve panorama histórico da imprensa literária no Maranhão Oitocentista. *Animus*, Santa Maria, v. 18, n. 1, p. 122, jul. 2010.

⁶⁹ Joaquim Serra escreveu *Sessenta anos de jornalismo (1820-1880): a imprensa no Maranhão*, se encontra entre as primeiras tentativas de mapear o surgimento da imprensa no Maranhão. O trabalho lista o nascimento de jornais, porém sem vinculá-los à cidade de origem, o que nos faz deduzir que compilou somente impressos de São Luís. Ver, PINHEIRO, Roseane Arcanjo. Gênese da imprensa no Maranhão nos séculos XIX e XX. In: V ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5., 2007, São Paulo. **Artigo**. São Paulo: Intercom, 2007. p. 45.

O que se expressa, nesse sentido, é como a imprensa maranhense deu abertura significativa à intelectuais mulheres, estas, portanto, contribuintes para cultura letrada da província. Assim, face à formação intelectual da província, Maria Firmina efetivou diversas publicações, dentre elas, podemos observar o poema *Ao amanhecer e o pôr do sol* no periódico *Jardim das Maranhenses*

E com a tarde esvaece-se,
Minha risonha esperança;
Despontou-me amargo pranto,
Apoz penosa lembrança.
Lancei a lira por terra,
Já não tinha uma só flor!
No fundo do peito eu sentia,
Extranha secreta dor⁷⁰

O reconhecimento de mulheres como indivíduos literários se consolidou tanto quanto a própria participação delas nos periódicos, redigidos ou não por homens. Maria Firmina, por exemplo entrelaçou seus escritos ao jornal *Jardim das Maranhenses* dois anos após a publicação de seu romance *Úrsula* sendo recomendada, portanto, pelo próprio periódico.

Recomendamos aos nossos leitores a poesia que abaixo vem estampada da Exma Sra. D Maria Firmina dos Reis, distinta literária maranhense. De coração agradecemos à S. Exc. pela honra que dá ao nosso Jornal, colaborando-o⁷¹.

A consolidação da atividade literária, assim como o aumento de periódicos na região maranhense se dá devido à preocupação das autoridades públicas do Império no estabelecimento da população à educação formal e pública. Se pensarmos no número de mulheres educadas a partir de então, pode-se considerar que este fator possibilitou um espaço para a atuação feminina, bem como o estopim para circulação de periódicos não apenas sobre

⁷⁰ O Jardim das Maranhenses. São Luís, nº23, 20 setembro de 1861. Poema retirado do texto SOUZA, Natália Lopes de. A experiência editorial de Maria Firmina dos Reis no periódico O Jardim das Maranhenses. *Aedos*, Porto Alegre, v. 12, n. 26, p. 424-452, ago. 2020.

⁷¹ O Jardim das Maranhenses. São Luís, nº23, 20 setembro de 1861, apud, SOUZA, Natália Lopes de. A experiência editorial de Maria Firmina dos Reis no periódico O Jardim das Maranhenses. *Aedos*, Porto Alegre, v. 12, n. 26, p. 433, ago. 2020, p.443.

o público feminino, mas escrito por este público. Ademais, “muitas vezes esses jornais pertenciam a mulheres de classe média, algumas quais investiam todos seus recursos nele”⁷².

Dessa maneira, pode-se considerar que as mulheres começaram a escrever sobre si e aos poucos deixaram de se esconder por detrás de pseudônimos e/ou iniciais de seus nomes para assinarem seus nomes completos⁷³. Desse modo, os jornais constituídos por mulheres começaram a aumentar e a modificar suas pautas, como por exemplo, discussões sobre a constituição do casamento por interesse, defesa do divórcio, assim como a defesa de questões políticas como a abolição da escravatura. Por outro lado, tais pautas não podem ser consideradas como opinião unânime entre todas as mulheres desses periódicos, uma vez que haviam mulheres que não pendiam tanto para tais reivindicações. Isso mostra a diversidade opinativa dentro dos periódicos femininos⁷⁴.

Em linhas gerais, esta breve trajetória da constituição da imprensa no Maranhão nos possibilitou compreender como os jornais, revistas literárias e científicas foram incorporadas à vida social maranhense, principalmente em São Luís, consolidando a opinião pública acerca de debates políticos e do gosto literário. Logo, entende-se que o ambiente político-social no qual Maria Firmina dos Reis viveu se deu de maneira efervescente, em que a busca por um lugar no seio intelectual do Brasil se firmou com o objetivo de fazer do Maranhão uma província capaz de organizar grandes nomes da literatura brasileira.

II. MARIA FIRMINA DOS REIS

Maria Firmina dos Reis nasceu na capital da província de Maranhão, São Luís, em 11 de outubro de 1825, ou em 11 de março de 1822 como ainda se discute⁷⁵. Outro aspecto que ainda se discute está relacionado a ascendência da escritora. Alguns autores compreendem a

⁷² TELLES, 1997, p.426, apud ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis**: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016, p.35.

⁷³ Ibidem.

⁷⁴ Ibidem, p.36.

⁷⁵ Devido a data de registro da autora, há uma dúvida acerca do dia exato de seu nascimento. Para mais informações ver, MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. *Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo*. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 33, n. 96, p. 91-108, ago. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3396.0007>, p.94.

professora como sendo filha de João Pedro Esteves, negro, e sua mãe Leonor Felipa dos Reis, branca⁷⁶. Machado, por exemplo, reconheceu o pai de Firmina como negro, e a mãe como branca, pertencente aos Reis, família bem situada, porém não rica⁷⁷, “originários de Guimarães, vila litorânea do interior da então província maranhense. Sendo esse o caso, Leonor Felipa seria branca ou branca da terra”⁷⁸.

Esta discussão é atual, não se trata de um dilema já solucionado que não se refuta mais. Dilercy Adler⁷⁹, em trabalho realizado em 2014, afirmou que Maria Firmina era filha de homem negro e mulher branca. No entanto, a mesma autora refutou-se em artigo no ano de 2018 quando, a partir do contato com a professora Mundinha Araújo⁸⁰ obteve acesso a anotações de documentos⁸¹ “coletados na APEM, nos quais consta que a mãe de Maria Firmina não era branca”⁸². No livro de batismo nº116, Folha 182, é possível observar como Leonor Felipa é tida

⁷⁶ Ver, MUZART, Zahidé Lupinacci. “Uma Pioneira: Maria Firmina dos Reis. **Muitas vozes.**” **Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem UEPG**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p.247-260, 2013. Autora, DIOGO, Luciana Martins. **Da sujeição à subjetivação: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras Úrsula e A Escrava de Maria Firmina dos Reis.** 2016. 213 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Também, ANDRETA, Bárbara Loureiro. **Visões da escravatura na América Latina: Sab e Úrsula.** 2016. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016. E, PINHEIRO, Thayara Rodrigues. **Vozes femininas em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, “Uma Maranhense”.** 2016. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

⁷⁷ Segundo Machado (2019), a família Reis pode ser considerada extensa e até bem colocada socialmente, mas não rica. MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 33, n. 96, p. 91-108, ago. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3396.0007>, p.95.

⁷⁸ *Ibidem*, p.94.

⁷⁹ Psicóloga e Professora Dra. de Graduação e Pós-graduação: Universidade Federal do Maranhão-UFMA e Faculdade do Maranhão - FACAM. Presidente da Academia Ludovicense de Letras – ALL, Casa de Maria Firmina dos Reis (2016-2017).

⁸⁰ A professora Mundinha Araújo está presente entre as mulheres contidas na história do movimento negro maranhense. Mulher negra, foi a professora quem iniciou a discussão no estado problematizando a situação do negro nas escolas e ruas dos bairros periféricos. Ver, SOUZA, Grace Kelly Silva Sobral. **Mulheres negras e relações de gênero: narrativas da construção da identidade de mulheres negras participantes do Bloco Afro Akomabu do Aentro de Cultura Negra do Maranhão.** 2017. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Políticas Públicas, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017, p.19.

⁸¹ Entre os documentos coletados se encontram os Autos de Justificação do dia de nascimento de Maria Firmina dos Reis, datado de 25 de junho de 1847 (Câmara Eclesiástica/Episcopal, série 26, Caixa n. 114 -Documento-autos nº 4.171); Certidão de Justificação de Batismo (Fundo Arquidiocese - Certidão de Justificação de Maria Firmina dos Reis - Livro 298 – fl. 44v), Livro de Baptismo (Fundo Arquidiocese Batismo de Maria Firmina dos Reis, Livro 116- fl. 182) e Portaria de Nomeação (Fundo Secretaria do Governo, Série: Portarias de Nomeação, Licença e Demissões: (1839-1914), Livro 1.561 (1.844-1.851- fls. 55 e 55V), ADLER, Dilercy Aragão. **MARIA FIRMINA DOS REIS: consolidando a ressignificação de uma precursora. Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, v. 59, n. 1, p. 217-222, jan. 2018, p.219.

⁸² *Ibidem*.

como mulata e forra “tendo esta sido escrava do Comendador Caetano José Teixeira, um dos maiores negociantes do Maranhão na passagem do século XVIII ao XIX”⁸³.

Estas discussões são consideradas imprescindíveis, uma vez que ao compreender a ascendência de Firmina nos auxilia a pensar as condições em que cresceu, atuou profissionalmente, bem como suas percepções acerca da vida. O que se sabe é que se confirmada essas informações, seria necessário que se explicasse os laços da família Reis com a mãe de Firmina, “comprovados pelo pesquisador Nascimento de Moraes”⁸⁴, apontados na obra *Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida* (1975), em que o biógrafo busca compreender a vida de Firmina a partir de uma coleta de dados e informações acerca da poetiza⁸⁵.

É em 1847 que Firmina é aprovada para a Cadeira de Instrução Primária em Guimarães⁸⁶, de acordo com Zin após sua experiência como professora, a autora se empenha em fundar a primeira escola mista e gratuita do país. Entretanto, segundo Muzart (2013), esse protagonismo deve ser atribuído à Maria Josefa Pereira Pinto que anterior à Maria Firmina, construiu a primeira escola mista do país localizada em residência própria “situada à rua de

⁸³ ADLER, Dilercy Aragão. MARIA FIRMINA DOS REIS: consolidando a ressignificação de uma precursora. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, v. 59, n. 1, p. 217-222, jan. 2018, p.220.

⁸⁴ MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. *Estudos Avançados*, [S.L.], v. 33, n. 96, p. 91-108, ago. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3396.0007>, p.95. Ver também, MUZART, Zahidé Lupinacci. “Uma Pioneira: Maria Firmina dos Reis. Muitas vozes.” Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem UEPG, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p.247-260, 2013. Autora, DIOGO, Luciana Martins. **Da sujeição à subjetivação**: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras Úrsula e A Escrava de Maria Firmina dos Reis. 2016. 213 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. E autor, ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis**: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

⁸⁵ Dentre os biógrafos de Firmina se encontra José Nascimento Moraes Filho, que em 1975 lança a obra citada que se trata de uma biografia que além de reunir a produção literária de Maria Firmina, ainda contém depoimentos dos filhos adotivos da professora, assim como de ex-alunos. Nesse trabalho, Moraes Filho se preocupa em retratar o pioneirismo da escritora do primeiro romance abolicionista escrito por mulher no Brasil, DIOGO, Luciana Martins. **Da sujeição à subjetivação**: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras Úrsula e a escrava de Maria Firmina dos Reis. 2016. 212 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016, p.8.

⁸⁶ SANTOS, Carla Sampaio dos. **A escritora Maria Firmina dos Reis**: história e memória de uma professora no maranhão do século XIX. 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

Santa Catarina, hoje Dr. Flores, em Porto Alegre”⁸⁷. A partir desse aspecto, é possível pensar que assim como Firmina outras mulheres de seu tempo também se faziam enfáticas em relação a atuação pública⁸⁸ no país⁸⁹.

Um acontecimento, nesse caminho, merece destaque. Firmina, quando na comemoração de sua aprovação pela cidade, é interrogada por sua mãe querendo esta que a professora fosse recebida em palanquim carregada por escravos. Maria Firmina recusa prontamente, alegando assim que se tratavam de seres humanos, não animais e que não mereciam ser tratados daquela maneira⁹⁰. O desejo da mãe provavelmente expressaria a vontade de distinguir Firmina negra dos demais indivíduos, acentuando-a como indivíduo superior aos demais.

Dentre diversos alunos, a autora, que não se casou, adotou 10 estudantes para cuidar. Entretanto, por escandalizar os moradores da vila de Guimarães a escola teve uma curta duração de dois anos e meio apenas. Este escândalo pode estar ligado ao tipo de educação passada no Brasil dos oitocentos, quando o currículo das meninas continha objetivo religioso, assim como se encontravam entre os ensinamentos o aprendizado de bordado, piano, e para algumas ainda o ensino do francês⁹¹. Considerando que o ensino era distinto entre meninos e meninas, logo, pensar uma educação em que ambos compartilhavam do mesmo currículo poderia ser considerado algo inovador ou um “pioneirismo subversivo”⁹².

É possível constatar sua titulação por meio da Portaria de Nomeação (Fundo Secretaria do Governo, Série: Portarias de Nomeação, Licença e Demissões: (1839-1914), Livro 1.561 (1.844-1.851- fls. 55 e 55V). Nesta, Maria Firmina dos Reis se encontra como professora de

⁸⁷ MUZART, Zahidé Lupinacci. “Uma Pioneira: Maria Firmina dos Reis. Muitas vezes.” **Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem UEPG**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p.247-260, 2013, p.249.

⁸⁸ Refiro-me aqui à atuação dessas mulheres fora do espaço do lar, ambiente comum às mulheres brasileiras do XIX. Ver, D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 187-202.

⁸⁹ FALEI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, Mary del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 220-232.

⁹⁰ MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: invisibilidade e presença de uma romancista negra no Brasil do século XIX ao XXI. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2018. p. 23.

⁹¹ MUZART, Zahidé Lupinacci. “Uma Pioneira: Maria Firmina dos Reis. Muitas vezes.” **Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem UEPG**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p.247-260, 2013.

⁹² (MORAIS NASCIMENTO, 1975, p. 310, apud, MUZART, Zahidé Lupinacci. “Uma Pioneira: Maria Firmina dos Reis. Muitas vezes.” **Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem UEPG**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p.247-260, 2013, p.249.

primeiras letras na Vila de Guimarães⁹³. Assim, aprovada em concurso público estadual no ano de 1847, Firmina atuou como Mestra Régia no município supracitado, significando que ao contrário das docentes leigas, a escritora se encontrava preparada (formada e concursada) para lecionar⁹⁴.

Em setembro de 1859, a poetiza tirou licença de seu cargo de professora por dois meses, mesmo ano em que publicou *Úrsula*, dessa forma, é possível que a autora tenha tirado esse período para cuidar da escrita e edição da obra⁹⁵. Entretanto, segundo Agostinho⁹⁶ o romance pode ter sido escrito entre 1853 e 1854, quando Firmina pediu licença de sua função de professora por conta de problemas de saúde⁹⁷.

Se o fato ocorreu entre início e meados da década de 50 dos oitocentos, é preciso acentuar se Firmina poderia ter tirado licença para escrever sua obra após contato com outros romances tais como *A Cabana do Pai Tomás* (1852) de Harriet Stowe, bem como *Páginas de uma vida obscura* (1855) de Nísia Floresta⁹⁸. Pensando nisto, se observarmos ainda que o Brasil tenha restringido a circulação do romance de Stowe, devido a seu caráter abolicionista, este circulou por lugares como *O Constitucional* e o *Publicador* em 1853 em São Luis⁹⁹, data anterior da licença da maranhense.

⁹³ ADLER, Dilercy Aragão. MARIA FIRMINA DOS REIS: consolidando a ressignificação de uma precursora. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, v. 59, n. 1, p. 217-222, jan. 2018, p.219.

⁹⁴ Muitas mulheres ensinavam sem preparo como oportunidade de trabalho. Ver, ANDRETA, Bárbara Loureiro. **Visões da escravatura na América Latina: Sab e Úrsula**. 2016. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016, p.49.

⁹⁵ DIOGO, Luciana Martins. **Da sujeição à subjetivação: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras Úrsula e A Escrava de Maria Firmina dos Reis**. 2016. 212 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016, p.38.

⁹⁶ SILVA, Régia Agostinho da. **A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX**. 2013. 177 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Econômica, Universidade de São Paulo, 2013.

⁹⁷ *Ibidem*, p.108.

⁹⁸ A pesquisadora Aline Ribeiro, em processo de análise compreendeu a publicação de Nísia Floresta como resultado da leitura efetuada sob o romance de Harriet Stowe, havendo, em linhas gerais, uma adaptação do romance estadunidense ao brasileiro. Ver, RIBEIRO, Aline V. **Lendo Harriet Beecher Stowe no Brasil**, op. Cit.; e Id., Harriet Beecher Stowe e Nísia Floresta: Abolição e traduções culturais nos Estados Unidos e Brasil, **Anais do XI Encontro Internacional da anphlac**, 2014.

⁹⁹ MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: invisibilidade e presença de uma romancista negra no Brasil do século XIX ao XXI. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2018. p. 32.

Ao se referir à autora, os periódicos reconheciam sua profissão como professora de português¹⁰⁰. Isso pode ser observado no *Publicador Maranhense*, quando na intenção de divulgar *Cantos à Beira-mar*, o jornal apresentou Firmina como professora pública da freguesia de Guimarães¹⁰¹, além de apresentar a autora como já conhecida por parte dos leitores por seus agradáveis escritos. Ainda após se aposentar, Maria Firmina se dedicou ao ensino dos filhos de lavradores e fazendeiros no povoado de Maçaricó¹⁰².

A trajetória da autora expressa tremenda participação no mundo letrado da sociedade maranhense. Em 1860, ano seguinte à publicação de seu romance em São Luís na Tipografia do Progresso, Maria Firmina inicia sua colaboração com os folhetins da época. Dois anos após a publicação do romance *Úrsula* (1859), a professora é convidada a participar da antologia poética *Parnaso Maranhense*, organizada por Gentil Homem de Almeida Braga, bem como o conto *Gupeva* é publicado pelo jornal *O Jardim das Maranhenses*. *Gupeva* faz tanto sucesso que é republicado algumas vezes, entre elas pelo jornal *Porto Livre* em 1863, pelo jornal *Eco da Juventude*¹⁰³.

O que se apreende é como Maria Firmina fez uso de instrumentos muito comuns à época, desde uso de pseudônimo — *Uma Maranhense* — por parte de mulheres a fim de esconderem suas reais identidades, até quando na escrita do prefácio da obra *Úrsula* (1859), quando se pronuncia, inicialmente, por meio de um pedido de desculpas, no início do romance, por sua petulância¹⁰⁴ ao se manifestar dentro do círculo daqueles que detinham o dom e poder da palavra escrita:

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim

¹⁰⁰ Ibidem, p.89.

¹⁰¹ DIOGO, Luciana Martins. **Da sujeição à subjetivação**: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras *Úrsula* e a escrava de Maria Firmina dos Reis. 2016. 212 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016, p.40.

¹⁰² MUZART, Zahidé Lupinacci. “Uma Pioneira: Maria Firmina dos Reis. Muitas vozes.” **Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem UEPG**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p.247-260, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/6400>>. Acesso em: 06 maio 2018, p.250.

¹⁰³ ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis**: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016, p.61.

¹⁰⁴ MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: invisibilidade e presença de uma romancista negra no Brasil do século XIX ao XXI. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2018. p. 16.

o dou a lume. Não é vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo¹⁰⁵.

Sua escrita apresentava o mundo ao redor, suas visões, percepções, aquilo que lhe oprimia a alma, que a deixava contente ou deprimida. O Maranhão do século XIX, mais precisamente Guimarães e as cidades vizinhas, compõe parte significativa do que Firmina escrevia, era seu meio social e os acontecimentos que nele ocorriam fornecia instrumento suficiente para uma escrita crítica, solidária para com os escravizados, assim como íntima, o que se pode constatar em seus diários.

A Revolta do Viana, território próximo ao de Guimarães onde Firmina habitava, no ano de 1867 é considerada a maior revolta quilombola já ocorrida no Brasil. Os quilombos presentes em toda região maranhense eram frutos de fugas de escravos, acontecimento constante no território¹⁰⁶. Ainda que a população do Maranhão fosse majoritariamente negra, indígena e/ou mestiça, havia segregação de afrodescendentes a partir do discurso¹⁰⁷ das elites locais, que explicitava a existência de uma convivência harmônica entre todos os indivíduos.

Essa “harmonia” é tida como parte fundamental da construção da identidade nacional da época a partir de discursos como de Von Martius¹⁰⁸. Para Salgado Guimarães (1988), essa ideia é tão complexa que o negro, dentro desse processo, obtém pouca atenção e isso só poderia significar um reflexo da tendência da época, na qual a visão do elemento negro era vista “como fator de impedimento ao processo de civilização”¹⁰⁹.

¹⁰⁵ REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. 4ª reimpressão. Porto Alegre: Editora Zouk, 2018, p.13.

¹⁰⁶ MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 33, n. 96, p. 91-108, ago. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3396.0007>, p.96.

¹⁰⁷ Ibidem, p.97.

¹⁰⁸ Esse discurso é característico desde o primeiro momento de tentativa de uma constituição da história brasileira. Ver, VON MARTIUS, Karl Friedrich Phillipe. “Como se deve escrever a história do Brasil”. In: GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado (Org.). **Livro de Fontes de Historiografia Brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

¹⁰⁹ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. “Nação e civilização nos trópicos: o IHGB e o projeto de uma história nacional”. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.1, n. 1, 1988. (Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1935>, p.17.

Contudo, a contradição deste discurso pode ser observada no próprio cotidiano maranhense oitocentista por meio de casos como o do menino Inocêncio, criança escrava morta por tortura pela baronesa do Grajaú. Quando a baronesa mandou que enterrassem o corpo do menino, a população iniciou burburinhos acerca do acontecido o que culminou na investigação por parte das autoridades da época.

Em laudo médico, foi constatado que o menino tinha em seu corpo marcas de tortura como a “introdução de um garfo no ânus da criança”¹¹⁰. A baronesa foi julgada, no entanto, ao recorrer conseguiu ser inocentada quando em segundo laudo médico, foi apontada a morte do menino como de causas naturais. Assim, se faz de imprescindível firmeza que acentuemos aspectos como estes contrários, ou melhor, incompatíveis com o discurso de interação harmônica entre as raças.

A revolta foi tamanha que um grupo de mulheres amigas de Geminiana, mãe de Inocêncio e de outros filhos torturados, reivindicou esclarecimentos do assassinato dos filhos da amiga. Como forma de reivindicação elas realizavam trabalhos contra aqueles que estavam encobrindo os crimes da baronesa de Grajaú, como é o caso da escrava Joana que ao pedir tratamento à pajé, acaba tendo em seu corpo aplicações de curativos e passes mágicos pelo grupo. O argumento era de que a escrava estava de conluio com as autoridades nesse caso¹¹¹.

Essas mulheres foram detidas como forma de silenciamento, por parte das elites, das mulheres mães escravas resistentes ao abafamento do assassinato de suas crianças dentro das casas senhoriais¹¹². Esse elemento constitui o cenário no qual Maria Firmina, bem como o restante da população local, vivera. Desse modo, foi em convivência com uma sociedade escravista, paternalista, patriarcal e tendo como base social a própria violência, que Firmina se expressou em seus escritos, sejam eles poemas, canções, romances ou em seu diário¹¹³.

¹¹⁰ MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. *Estudos Avançados*, [S.L.], v. 33, n. 96, p. 91-108, ago. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3396.0007>, p.97.

¹¹¹ MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. *Estudos Avançados*, [S.L.], v. 33, n. 96, p. 91-108, ago. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3396.0007>, p.98.

¹¹² Ibidem, p. 97.

¹¹³ O *Álbum* surge das anotações fragmentadas que Maria Firmina construiu ao longo de sua vida. É composto por Nascimento Moraes, a partir do recebimento desses fragmentos das mãos de uma afilhada de Firmina, Leude Guimarães. Ver, MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção

Seu empenho em memorar as diversas condições da sociedade não se limitou às duas primeiras obras. Em 1871, a maranhense publica os poemas *Cantos à beira-mar*, estes publicados também em São Luís, pela Tipografia do País. Já em 1887, Maria Firmina expressa sua maestria nas letras novamente ao publicar o conto *A Escrava*, n' *A Revista Maranhense* (nº03). Um ano depois, a escritora foi tomada por um marco histórico em sua carreira com a elaboração da letra e música do *Hino da Libertação dos Escravos* no ano de 1888¹¹⁴.

Pesquisas apontam ainda que Maria Firmina dos Reis contribuiu com outros tipos de publicações para a imprensa local, por meio de “ficções, crônicas e até enigmas e charadas, do mesmo modo em que atuou, de acordo com os que a conheceram, na recolha e na preservação de textos da literatura oral”¹¹⁵. Ademais, houve contribuições no âmbito folclórico com canções como a pastoral e o bumba meu boi, bem como “teria [ela] musicado os famosos *Versos da garrafa*, atribuídos pelos antigos a Gonçalves Dias”¹¹⁶.

Em um sebo na cidade do Rio de Janeiro, em 1962, o historiador e bibliógrafo Horácio de Almeida¹¹⁷ encontrou a primeira obra de Maria Firmina dos Reis, *Úrsula* (1859). Como a obra se encontrava identificada sob pseudônimo de *Uma Maranhense*, o historiador foi em busca da identificação da autoria do romance. Buscou o pseudônimo no *Dicionário por Estados da Federação*, de Otavio Torres, para além da busca do pseudônimo em outras fontes, Horácio de Almeida conseguiu finalmente identificar a procedência da obra¹¹⁸.

do si mesmo. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 33, n. 96, p. 91-108, ago. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3396.0007>, p.100.

¹¹⁴ ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis**: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016, p.26.

¹¹⁵ ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis**: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

¹¹⁶ Ibidem.

¹¹⁷ Horácio de Almeida nasceu em Areia, Paraíba, em 21 de outubro de 1896, e faleceu no Rio de Janeiro, em 5 de junho 1983. Foi membro fundador da Acad. Paraibana de Letras, pertenceu à Acad. Carioca de Letras do Brasil (da qual foi presidente), da Sociedade dos Homens de Letras do Brasil, do Sindicato dos Escritores do RJ, do IHG/PB e do IHG/SP. Além, de ter sido eleito sócio honorário do IHGB em 15 de dezembro de 1975; passou a efetivo em 13 de dezembro de 1978. Informações retiradas do site do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Disponível em: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/HAlmeida.html>. Acesso em 26 de abr. de 2021.

¹¹⁸ ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis**: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016, p.27.

Logo em 1975, Horácio de Almeida ao reconhecer a importância da obra literária, bem como a necessidade de identificar a procedência do escrito, constrói a edição fac-similar do romance atribuindo à Maria Firmina dos Reis a mulher por detrás de *Uma Maranhense*. O livro encontrado por Horácio foi doado ao governador do Maranhão na época, Nunes Freire¹¹⁹.

A partir disto, duas edições foram publicadas: a primeira, em 1988, pela Editora Presença, de Luiza Lobo em parceria com o Instituto Nacional do Livro devido ao centenário da abolição da escravatura¹²⁰. A reedição de 2004 se deu devido à organização de um projeto de obras literárias do século XIX que deu origem à Editora Mulheres, engendrada pelas pesquisadoras Zahidé Muzart, Susana Funck e Elvira Sponholz.

Considerando o sesquicentenário da primeira edição do livro, a Editora Mulheres em parceria com a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) lançou mais uma edição, só que dessa vez com o posfácio do professor Eduardo de Assis Duarte¹²¹ intitulado “Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira”.

Interessante que no posfácio, Horácio de Almeida pontua sobre a dificuldade de encontrar informações sobre a autora, o que pode ter acontecido visto o “desaparecimento” da autora ao longo do tempo. Nem autores influentes rememoraram a autora, dentre estes é possível citar Sílvio Romero (1943 [1888]), José Veríssimo (1981 [1916]), Ronald de Carvalho (1920), Nelson Werneck Sodré (1985 [1938]), Afrânio Coutinho (1986 [1959]), Antonio Candido (2000 [1959]) e Alfredo Bosi (1970)¹²². Entretanto, ainda que a lista de esquecimento

¹¹⁹ Horácio de Almeida afirma no prefácio da edição fac-similar que doou o achado para o governador do Maranhão. Ver prefácio em, REIS, Maria Firmina. *Úrsula*. 2ª Ed. Fac-similar. São Luiz: Typographia do Progresso, 1859.

¹²⁰ ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis**: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016, p.27.

¹²¹ Eduardo de Assis Duarte integra o Programa de Pós-graduação em Letras – Estudos Literários, da FALE-UFMG e o Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade – NEIA, desta Instituição. Autor de **Literatura, política, identidades** (UFMG, 2005) e de **Jorge Amado: romance em tempo de utopia**, (2. ed., Record, 1996). Organizou, entre outros, o volume **Machado de Assis afrodescendente: escritos de caramujo**. (3. ed. rev. ampl., 2020), a coleção **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica** (2.ed., 2020, 4 vol.) e os volumes didáticos **Literatura afro-brasileira, 100 autores do século XVIII ao XXI** (2. ed., 2019) e **Literatura afro-brasileira, abordagens na sala de aula** (2. ed., 2019). Coordena o Grupo Interinstitucional de Pesquisa “Afrodescendências na Literatura Brasileira” e o Portal Literafro, disponível no endereço www.lettras.ufmg.br/literafro.

¹²² ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis**: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016, p.28.

seja considerável, há exceções como as obras de Sacramento Blake (1883-1902)¹²³ e Raimundo de Menezes que incluiu um verbete sobre Firmina na segunda edição do *Dicionário Literário Brasileiro*¹²⁴.

A partir de 1973, o jornalista José Nascimento Morais Filho¹²⁵ se empenhou em recuperar a memória de Maria Firmina por meio de documentos do século XIX e XX “alocados nos porões da Biblioteca Pública Benedito Leite”, entrevistas realizadas com personagens importantes na vida de Diliquinha¹²⁶, como Leude Guimarães e Nhazinha Goulart, filhas adotivas.

Após intensa pesquisa, o professor Nascimento Morais Filho se dedicou a publicar, no mesmo ano em que Horácio de Almeida publicou a edição fac-similar do romance, 1975, a obra *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*. Era um primeiro esboço biográfico da autora negra, publicado durante a comemoração promovida pelo governo maranhense dos 150 anos de nascimento de Firmina.

Um documento muito importante para apresentar a personalidade da professora se trata do primeiro diário “aquele que deve ser, provavelmente, o primeiro diário íntimo redigido por uma mulher já publicado no Brasil: o *Álbum*, de Maria Firmina dos Reis”¹²⁷.

O diário foi parcialmente emprestado a Nascimento Morais Filho pelas filhas de Firmina, sob justificativa que uma parte havia sido roubada. Entretanto, é bem possível que a

¹²³ BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Dicionário bibliográfico brasileiro**. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Cultura, 1970 [1883-1902].

¹²⁴ ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis**: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016, p.28.

¹²⁵ Morais (1922-2009), filho do intelectual e militante da luta antirracista Nascimento Morais (1882-1958), foi um ambientalista, ativista e intelectual negro além, de ensaísta e poeta maranhense. Ver, MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. *Maria Firmina dos Reis: invisibilidade e presença de uma romancista negra no Brasil do século XIX ao XXI*. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2018. p. 10.

¹²⁶ Apelido pelo qual Maria Firmina era chamada pelos íntimos. MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. *Maria Firmina dos Reis: invisibilidade e presença de uma romancista negra no Brasil do século XIX ao XXI*. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2018. p. 10.

¹²⁷ ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis**: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016, p.29.

própria família tenha selecionado as partes convenientes para vir à público¹²⁸. Se isso ocorreu, podemos supor que Leude Guimarães e Nhazinha Goulart foram figuras importantes na divulgação intencional e parcial da vida de Firmina.

Em linhas gerais, esta breve cronografia nos auxilia a ponderar como Maria Firmina dos Reis foi atuante no mundo letrado maranhense, assim como contribuiu de maneira significativa para sociedade em que vivia. Além do mais, a autora teve sua popularidade acentuada na província do Maranhão sendo considerada como um exemplo de erudição por seus pares¹²⁹. Entretanto, os noventa e dois anos de sua vida destinados a ler, escrever e ensinar foram esquecidos por um longo período, isso pode ser consequência de um silenciamento conduzido pelas elites intelectuais posteriores. Ao fim de sua vida, Firmina faleceu ao lado de uma de suas filhas adotivas, Leude Guimarães na condição de pessoa cega e pobre.¹³⁰

¹²⁸ MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: invisibilidade e presença de uma romancista negra no Brasil do século XIX ao XXI. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2018. p. 11.

¹²⁹ ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis**: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016, p.26.

¹³⁰ SANTOS, Carla Sampaio dos. **A escritora Maria Firmina dos Reis**: história e memória de uma professora no Maranhão do século XIX. 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016, p.108.

Capítulo 02

TRILHANDO OS CAMINHOS DA ESCRITA DE *UMA MARANHENSE*



I. OBRAS

A carreira de escritora de Maria Firmina dos Reis compreende variadas publicações em periódicos brasileiros no XIX em períodos espaçados. Neste capítulo faremos uma exposição cronológica decrescente das publicações da autora em periódicos maranhenses. Dezesesseis anos depois da publicação de *Cantos à Beira-mar* (1871), o conto *A Escrava* (1887) deu espaço às inspirações ou aspirações de Firmina contrárias ao sistema escravista ainda em vigor.

Em 1887, um ano antes da abolição da escravidão no Brasil, a efervescência do movimento abolicionista não era suficiente para derrubar a instituição do sistema escravista, ainda percebido pelas elites agrárias como um “mal necessário” e um problema que necessitava de solução. Diante da perspectiva social das pautas do movimento abolicionista, bem como o movimento republicano, Maria Firmina escreve, além de novos poemas, o conto *A Escrava*, publicado no periódico *A Revista Maranhense*, nº03¹³¹, sendo possível identificar no conto ideias correntes dentro dos movimentos abolicionistas¹³².

O tom abolicionista nas narrativas de Maria Firmina dos Reis está expresso em diversos escritos seus. Entre diferentes temáticas, muitos poemas da professora compunham uma narrativa em favor da abolição apresentando as agruras da escravização. A exemplo disto, se encontra o conto *A Escrava* em que a narrativa, tendo os negros como protagonistas, expressa como a autora se coloca a favor da abolição a partir do uso de estratégias encontradas para construir um efeito que ao leitor seria percebido como indissociável de uma estética

¹³¹ ZIN, Rafael Balseiro. Maria Firmina dos Reis e seu conto *A Escrava*: consolidando uma literatura abolicionista. In: DUARTE, Constância Lima (org.). **Maria Firmina dos Reis**: faces de uma precursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018. p. 189.

¹³² MARRA, Laísa. A construção do sujeito negro em *A Escrava*, de Maria Firmina dos Reis. In: DUARTE, Constância Lima (org.). **Maria Firmina dos Reis**: faces de uma precursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018. p. 226.

antiescravista¹³³. Podemos identifica-lo como uma *literatura negra*¹³⁴ a partir da caracterização dos sujeitos da obra como negros em que o “eu” narrativo ganha a identidade racial de quem fala. Isso acontece também no romance *Úrsula* (1859) com a personagem da Preta Susana que narra, como negra escravizada, a maneira como foi retirada de sua “mãe pátria” e trazida a força ao Brasil como cativa.

Desse modo, é possível identificar como o conto é capaz de denunciar as injustiças cometidas pelo sistema escravocrata brasileiro e a sensibilidade da autora para reconhecer “o lugar obscuro que cercava as mulheres”¹³⁵ naquele momento histórico por meio do silenciamento. Rompendo, porquanto, com esse movimento, Firmina oferece uma transformação à uma nova concepção política, econômica e social da época, o que acabou se concretizando com a Abolição em 1888.

Em “A Escrava” a voz narrativa branca não é a única protagonista por meio de um *mise-en-abîme*¹³⁶ Firmina constrói uma história dentro da história. Isto é, a partir da história geral apresentada dentro do conto é possível identificar outras histórias contadas por outros personagens como é o caso de Joana que acaba dando testemunho de sua triste vivência como escravizada e sua miserável condição no sistema escravocrata.

Na escrita a partir do ponto de vista do afrodescendente, o negro recebe sua voz sendo capaz de narrar sua história expressando a realidade em que vive. É nesta escrita que os negros são representados de maneira distinta da comumente descrita nos romances da época¹³⁷, aqui eles são seres humanos que sentem as dores da escravidão, além de serem apresentados com inteligência e mesmos valores das pessoas brancas¹³⁸. Para isso, Maria Firmina expressa-os

¹³³ Ibidem, p.225.

¹³⁴ PINTO-BAILEY, Cristina Ferreira. A Escrava, de Maria Firmina dos Reis. In: DUARTE, Constância Lima (org.). **Maria Firmina dos Reis**: faces de uma precursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018. p. 105.

¹³⁵ ZIN, Rafael Balseiro. Maria Firmina dos Reis e seu conto A Escrava: consolidando uma literatura abolicionista. In: DUARTE, Constância Lima (org.). **Maria Firmina dos Reis**: faces de uma precursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018. p. 194.

¹³⁶ PINTO-BAILEY, op. cit., 2018. p. 107.

¹³⁷ A exemplo disto podemos apreender nas obras de Castro Alves, o “Poeta dos Escravos” como por vezes o escravizado foi construído de maneira passiva, sempre fiel. Em “A cruz da estrada” (1865), por exemplo a morte é expressa como única chance de libertação do negro representando um escravo passivo, não resistente. Ou, o próprio “Navio Negreiro” (1880) em que Alves constrói uma narrativa sem a resistência escrava.

¹³⁸ Os romances “O Mulato” de Aluísio Azevedo (1881), a crônica “Páginas de uma vida obscura” de Nísia Floresta (1854), o livro de crônicas “Bons Dias!” publicado entre 1888-1889 sob pseudônimo de Boas Noites, depois identificado como Machado de Assis, o conto “A Escrava” de Maria Firmina dos Reis (1887).

como donos de seus próprios discursos e ao contar acerca de “seu passado, sua condição e sofrimento”, Firmina consegue reescrever a história tendo como ponto de partida a percepção do sujeito negro¹³⁹.

Se pensarmos acerca do discurso paternalista que enfatizava uma escravidão benevolente,¹⁴⁰ a narrativa de Firmina desconstrói este quando desmascara o sistema escravista em que os senhores são percebidos como desumanos e extremamente cruéis — essa crueldade pode ser identificada tanto no conto *A Escrava* (1887) quanto em *Úrsula* (1859)— enquanto nos personagens negros se mostra a benignidade, a compaixão, em outras palavras, escancaram os valores fundamentais à civilização ocidental, tais como a crença em Deus, a maternidade e o amor filial¹⁴¹.

Pensando no processo de civilização europeia em que o cristianismo se dá como base desse ideal de mundo, é possível identificar como Firmina ao reconhecer isso usa da ideologia cristã para facilitar sua comunicação para com os leitores da época quando apela para seus sentimentos e crenças arraigados à doutrina católica.¹⁴² É possível identificar isso a partir do apelo moral e cívico¹⁴³ na fala de uma senhora¹⁴⁴ que, contrária à escravização acaba por apoiar ideias abolicionistas, assim, por meio dessa personagem, Firmina recorre à representação da ideologia cristã visando sua argumentação em prol da adesão de seus leitores às estas ideias¹⁴⁵.

Pensando na ficção de cunho abolicionista, a maranhense representa os primórdios da produção literária afro-brasileira em que o “eu” negro é apresentado como um sujeito com um discurso de resistência cultural naquela época e naquele espaço social.¹⁴⁶ Assim, como

¹³⁹ PINTO-BAILEY, op. cit., 2018. p. 107.

¹⁴⁰ MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. *Estudos Avançados*, [S.L.], v. 33, n. 96, p. 91-108, ago. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3396.0007>, p.97.

¹⁴¹ *Ibidem*, p. 108.

¹⁴² *Ibidem*.

¹⁴³ Firmina apresenta uma discussão vigente na época em que as teorias e práticas da Igreja se chocavam, assim a autora busca apresentar esse paradigma e se firmar na ideia de que a Igreja deveria na prática se mostrar contra a escravidão. ZIN, op. cit. 2018, p.195.

¹⁴⁴ A construção da narrativa se dá por meio da técnica da narrativa encaixada em que, a primeira pessoa no conto é conferida à senhora abolicionista enquanto narradora-personagem. MARRA, op. cit., 2018, p.226.

¹⁴⁵ ZIN, op. Cit., 2018. p. 195.

¹⁴⁶ PINTO-BAILEY, Op. Cit., 2018. p. 110.

lançamento dessa nova perspectiva literária, Firmina constrói na personagem do jovem escravizado um olhar que humaniza o oprimido e animaliza o opressor¹⁴⁷ sendo capaz de distanciar da visão depreciativa atribuída aos cativos até então, bem como, expressa na personagem Joana sua força para falar sobre o triste legado da escravidão¹⁴⁸. Interessante notar que a autora apresenta essa visão depreciativa do negro, entretanto, expressando-a como resultado do olhar do senhor violento de escravos quando este, ao se referir ao elemento servil com frieza e vilania, o reduz imediatamente à materialidade de seu cruel interesse¹⁴⁹.

Diferentemente do que ocorre em *Gupeva* (1861), em *A Escrava*, Maria Firmina busca construir uma das personagens como resultado da união entre um indígena nascido livre e uma escrava capturada e escravizada por homem branco¹⁵⁰ expressando, portanto, as relações existentes na época.

Em *Cantos à Beira-mar*, publicado pela Typografia do País em 1871, é possível perceber como o título se refere ao caminho litorâneo de Guimarães onde a autora viveu grande parte de sua vida. Assim, a composição dos 56 poemas se dispõe a partir das vivências de Maria Firmina na província maranhense¹⁵¹, sendo banhado dos sentimentos atribuídos à caminhada da autora. Logo, os poemas se desenvolvem nas temáticas de amor platônico, amor carnal, assim como poemas destinados à amizade. Em linhas gerais, se trata do sentimentalismo de Firmina expresso em diversas linhas poéticas.

O movimento indianista no Brasil surge da busca pelo “específico brasileiro” e no movimento de criar esse indivíduo brasileiro o *indígena* é percebido com grande capacidade poética sendo compreendido como uma representação aceitável e equiparável aos personagens europeus. Na arte, por exemplo, pinturas como *O Último Tamoio* (1883) de Rodolfo Amoedo expressa o heroísmo indígena por meio da morte do chefe dos Tamoios. Essa personificação do indígena também pode ser observada em obras românticas como a trilogia indianista de José de Alencar com *O Guarani* (1857) *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874). Pensando nisso, dentre

¹⁴⁷ ZIN, op. cit., 2018. p. 198.

¹⁴⁸ Ibidem, p. 200.

¹⁴⁹ Ibidem, p.202.

¹⁵⁰ Ibidem, p.199.

¹⁵¹ NASCIMENTO, Imaculada. A poesia como guardiã do corpo. In: DUARTE, Constância Lima (org.). **Maria Firmina dos Reis**: faces de uma precursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018. p. 178.

os poemas construídos por Maria Firmina, um que buscamos destacar aqui se trata d'*O canto do Tupi* publicado em 1865 no jornal *Eco da Juventude*.

No poema supracitado, encontramos um canto pela honra, assim como pelo caráter do guerreiro indígena que é tido como bravo e forte representando uma coragem por parte dos protagonistas, característica do romantismo brasileiro em que os escritos e a arte exaltam a figura indígena fazendo com que este a partir do reconhecimento de sua ancestralidade seja capaz de lutar e fazer disto um instrumento de proteção e segurança¹⁵².

Entretanto, se por um lado podemos perceber a figura do indígena como fator fundamental da construção da identidade brasileira no XIX, por outro é possível observar como a busca por uma construção da imagem desses personagens é pautada nos padrões europeus. Para tanto, vê-se o indígena pelo olhar europeu e não por suas próprias concepções de mundo.

Sendo assim, ainda que houvesse a intenção contra o desmando, assim como a violência do colonizador¹⁵³ a representação da pessoa indígena acaba refletindo o olhar romântico do XIX a partir de um reforço da influência do pensamento do colonizador. Ademais, *O canto do Tupi* expressa por um lado o esforço de trazer o indígena para dentro dos protagonismos, por outro há uma certa dificuldade em abordar esse indígena muito diferente dos padrões europeus.

A autora também participou da antologia *Parnaso Maranhense* em 1861, mesmo ano em que publicou sua segunda obra *Gupeva* no jornal *Jardim das Maranhenses*. O parnaso se trata de uma coletânea de poesias publicada pela Tipografia do Progresso, mesma tipografia que divulgou as vendas do romance *Úrsula* (1859). O intuito da obra era divulgar os poetas e suas poesias que mais se destacaram no meio literário do Maranhão dos oitocentos, assim como divulgar e tornar mais conhecidos os poetas e suas produções. A coletânea tinha por finalidade divulgar as tendências literárias brasileiras que estavam se consolidando no território maranhense¹⁵⁴. Desse modo, foi por meio do *parnaso* que as poesias de Maria Firmina se

¹⁵² CARVALHO, Jéssica Catharine Barbosa de. Maria Firmina dos Reis: incursões poéticas no cenário oitocentista. In: DUARTE, Constância Lima (org.). **Maria Firmina dos Reis: facas de uma precursora**. Rio de Janeiro: Malê, 2018. p. 269.

¹⁵³ CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. Ed. Belo Horizonte: Vila Rica Editoras Reunidas Ltda, 2000, p.19.

¹⁵⁴ CARVALHO, op. cit., 2018. p. 262.

tornaram mais conhecidas, muitas contendo um teor antiescravista deixando clara a posição da autora quanto ao sistema escravocrata brasileiro então vigente¹⁵⁵.

O ano de 1861 foi efervescente na vida de Firmina, visto ser escolhida como uma das poetas para constituir a coletânea, além de publicar o conto *Gupeva*. A conto ganhou tamanha repercussão que dois anos depois foi republicada no periódico maranhense *Porto Livre* em 1863, seguido de outra publicação, agora no *Eco da Juventude* em 1865 com algumas modificações que não alteraram seu conteúdo¹⁵⁶. O conto apresenta a história de vingança por parte de Gupeva contra os franceses. Isto é, reconhecendo as práticas impostas pelos colonizadores europeus sobre os povos indígenas, Gupeva se revolta buscando se contrapor aos valores impostos pelo colonizador branco¹⁵⁷.

Para tanto, não se trata aqui da construção de um conto de conteúdo romântico nos vieses propostos na época, mas sim da compreensão por parte de Maria Firmina do sistema de poder instaurado pelos colonizadores. O reconhecimento deste sistema abre o questionamento. Mais de uma década mais tarde, Machado de Assis construiu na personagem principal de *Helena* um indivíduo capaz de compreender os moldes do sistema patriarcal e a partir disso manejar os indivíduos à sua volta para conseguir o que deseja.¹⁵⁸ Esse reconhecimento se encontra na personagem de Gupeva, que ao entender a dinâmica do sistema colonial decide se vingar. O que se percebe é como Firmina ao compreender o sistema escravocrata brasileiro, reconhece a possibilidade de contestar este por meio da construção de uma personagem tida por caráter rebelde¹⁵⁹.

A recepção da obra foi positiva. O periódico *O Jardim das Maranhenses*, por exemplo, teceu comentários positivos à obra de Firmina. O jornal era mantido por mulheres com produção de conteúdos destinados ao público feminino, sendo assim, buscava uma valorização da escrita de mulheres, bem como a necessidade de reconhecimento destas como escritoras. Por meio deste reconhecimento das mulheres como produtoras de conhecimentos intelectuais,

¹⁵⁵ PINTO-BAILEY, op. cit., 2018. p. 104.

¹⁵⁶ ZIN, op. cit., 2018. p. 189.

¹⁵⁷ CARVALHO, op. cit., 2018. p. 271.

¹⁵⁸ CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis Historiador**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

¹⁵⁹ CARVALHO, op. cit., 2018. p. 271.

muitas obras ganhavam espaço no jornal, como é o caso de *Gupeva*. Acerca da publicação do conto, o periódico se responsabilizou pela qualidade do conteúdo escrito por Maria Firmina, assim como acentuou a necessidade de que a autora continuasse a escrever a fim de que sua obra, como a de outras mulheres, fosse publicada e não se restringisse ao âmbito privado.

Além de professora, romancista e poetisa, Maria Firmina dos Reis participou como compositora em alguns projetos. A exemplo disto, é possível observar a composição de uma valsa de Gonçalves Dias, além de se responsável pela composição de um hino para abolição da escravatura em 1888¹⁶⁰. Também atuou como folclorista recolhendo e preservando textos da tradição oral.

Esta breve recapitulação da trajetória intelectual da professora maranhense nos leva a pensar como uma mulher negra, em uma sociedade escravista e patriarcal, se desenvolveu no meio intelectual da província maranhense no XIX. Ademais, é imprescindível compreendermos que *Úrsula* (1859) expressa a posição antiescravista de Firmina, assim como os modos como observava seu redor. E não menos considerável, a recepção pela imprensa do romance de Firmina nos conduz a compreender as ideias da época tanto as produções femininas quanto a recepção do conteúdo de cunho antiescravista.

II. PUBLICAÇÃO E REPERCURSSÃO DE ÚRSULA

O romance *Úrsula* (1859) expressa a significância dos pensamentos de Reis acerca da sociedade vivenciada por esta. Visto isso, os caminhos tomados pela autora na construção da narrativa e das personagens é capaz de expressar uma posição antiescravista e antipatriarcal podendo, assim, gerar inquietações visto o sistema escravista em exercício, bem como a estrutura social patriarcal que compunha o Maranhão da época. Considerando o exposto, a imprensa maranhense se posicionou acerca do romance de Firmina como de tantas outras escritoras. Entretanto, como veremos, é possível identificar um discurso de viés patriarcal, em que às mulheres era destinado lugares específicos.

¹⁶⁰ NASCIMENTO, op. cit., 2018. p. 185.

Isto pautado, percebemos uma maior disseminação de impressos voltados ao público feminino produzidos, ou não, por brasileiras. Para tanto, quando não contado com a atuação frente ao periódico, alguns jornais mantinham a participação feminina em relação a transcrição de artigos produzidos por mulheres. Se considerarmos o desenvolvimento da imprensa no Brasil, pode-se observar como tardia a atuação direta de mulheres em jornais. Isto é, apenas em 1852, no Rio de Janeiro com o *Jornal das Senhoras* o país vivenciou o primeiro periódico redigido por mulher¹⁶¹.

A partir o desenvolvimento do jornal supracitado a atuação de mulheres como colaboradoras em periódicos se tornou mais comum. Nísia Floresta e Francisca Júlia são exemplos de autoras que desempenharam papéis em jornais colaborando no desenvolvimento da atuação feminina no âmbito intelectual. Assim, a entrada dessas mulheres no ambiente jornalístico se firmou a partir da constituição do primeiro jornal escrito por mulher no Brasil corroborando ao desenvolvimento de mais jornais editorado por elas.

Ademais, no Maranhão, a constituição do primeiro jornal editado por mulher se deu apenas da década de 80 do século XIX. Em 1884 surge o periódico *O Chrysalida: Publicação mensal-Redação de Meninas* jornal desenvolvido por maranhenses.¹⁶² Até então os jornais existentes destinados ao público feminino eram dirigidos por homens, logo os conteúdos desenvolvidos ao alvo continham teor intencional obstinado nos modos como as mulheres deveriam se portar socialmente.

Pensando no desenvolvimento dos jornais femininos dirigidos por figuras masculinas, é possível observar um *modus operandi* referente ao lugar que a mulher deveria se adequar legitimando um comportamento feminino exigido no século estudado. Logo, o que se punha como socialmente aceito se baseava em uma pedagogia de leitura capaz de submeter o feminino à moral religiosa¹⁶³. Por conseguinte, os conteúdos se seguiam como parte de uma estruturação da sociedade moderna brasileira em que os lugares socialmente aceitos no Brasil se davam no encaixe do desenvolvimento da modernidade europeia.

¹⁶¹ SOUZA, Natália Lopes de. A experiência editorial de Maria Firmina dos Reis no periódico O Jardim das Maranhenses. *Aedos*, Porto Alegre, v. 12, n. 26, p. 433, ago. 2020.

¹⁶² Ibidem, p.434.

¹⁶³ D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 191.

Nesse caminho, os supraditos faziam uso da literatura como forma de entretenimento das senhoras. Assim, estes jornais estruturavam suas teses na correspondência entre editores e leitoras, crônicas sociais, além de comentários sobre espetáculos¹⁶⁴ compondo uma bagagem intelectual que a senhora moderna deveria obter.¹⁶⁵ Assim, o que se percebe é como os jornais da época buscavam estimular as produções femininas abrindo espaço para propagandear o nome das autoras, contudo, limitando às publicações franzinas sem nenhuma intenção, por parte dos editores, de aprofundamento analítico dos conteúdos produzidos¹⁶⁶.

No periódico *A Imprensa*, foram publicados dois textos de tom elogioso à *Ursula* e os poemas que iriam compor a coletânea *Parnaso Maranhense*. Ao falar do romance de Firmina, *A Imprensa* em 18 de fevereiro de 1860 enuncia o preço de dois mil réis¹⁶⁷ pela obra. Nesse caminho, seguindo a mesma lógica da imprensa da época o jornal busca enaltecer e incentivar Maria Firmina dos Reis a continuar sua caminhada nas letras. Isso pode ser observado na publicação abaixo:

ÚRSULA – Romance brasileiro por uma maranhense. Um volume em preço de 2\$000. Esta obra, digna de ser lida não só pela singeleza e elegância com que é escrita, como por ser a estreia de uma talentosa maranhense, merece toda a proteção pública para animar a sua modesta autora a fim de continuar a dar-nos prova do seu belo talento¹⁶⁸.

O intuito, portanto, era disseminar essa “literatura emergente”, mas, sem visar a qualidade dos textos em si. O ocorrido com a maranhense Maria Firmina, quando da escrita de *Úrsula* (1859), expressa como alguns jornais realizaram publicações acerca da obra na época, a maioria contendo teor de incentivo para continuidade de produção¹⁶⁹ da autora, um ou outro

¹⁶⁴ SOUZA, Natália Lopes de. A experiência editorial de Maria Firmina dos Reis no periódico O Jardim das Maranhenses. *Aedos*, Porto Alegre, v. 12, n. 26, p. 433, ago. 2020.

¹⁶⁴ Ibidem, p.436.

¹⁶⁵ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 373.

¹⁶⁶ ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis**: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016, p.36.

¹⁶⁷ SIMÕES, Bárbara. Remexendo arquivos: abolição e existencialismo em Maria Firmina dos Reis. In: DUARTE, Constância Lima (org.). **Maria Firmina dos Reis**: faces de uma precursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018. p. 330.

¹⁶⁸ ZIN, op. cit., 2016, p.37.

¹⁶⁹ CARVALHO, op. cit., 2018. p. 264.

contendo uma crítica quanto ao conteúdo escrito apontando uma necessidade de aprimoramento na escrita de Firmina como se verá posteriormente.

Em convergência a isto, se observarmos como o jornal *A Moderação* apresentou Firmina a partir do reconhecimento da sua atuação como professora em Guimarães. Na apresentação de sua obra, é possível compreender que por mais que não haja uma análise quanto a sua obra, o jornal aponta que a *posteriori* apresentaria uma opinião, que não seria, no entanto, desfavorável¹⁷⁰. Isso demonstra como a imprensa da época dava crédito ao fato de uma mulher efetivar a arte da escrita e não aos conteúdos que produzia, como pode ser observado na publicação abaixo do jornal citado:

ÚRSULA – Acha-se à venda na Tipografia do Progresso, este romance original brasileiro, produção da Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis, professora pública em Guimarães. Saudamos a nossa comprovinciana pelo seu ensaio que revela de sua parte bastante ilustração; e, com mais vagar, emitiremos a nossa opinião, que desde já afiançamos não será desfavorável à nossa distinta comprovinciana¹⁷¹.

Em consonância ao apresentado até o momento, o periódico supracitado apresenta Maria Firmina como já conhecida entre os leitores do jornal que deveriam reconhecer as habilidades da autora. Vê-se mais uma vez como a imprensa se dedicava a enaltecer tal “literatura emergente” conforme segue descrito na publicação de 19 de outubro de 1861 referente aos poemas da coletânea *Parnaso Maranhense*:

Os versos de Maria Firmina dos Reis indicam uma imaginação cheia de vivacidade da parte da autora; muita leitura e gosto, e do doce perfume dos sentimentos saídos do coração sem ensaio nem afetação. De há muito que todos conhecem os talentos e habilidades da autora de Úrsula, assim não causou estranheza as poesias que mandou para o Parnaso¹⁷².

Este estímulo para que escritoras seguissem com suas produções pode ser observado também no jornal *O Jardim das Maranhenses*. Em sintonia com os conteúdos produzidos em periódicos dirigidos por homens, o jornal, também redigido pelo sexo masculino, expressava a legitimação de costumes e a propagação da moralidade feminina, um feito realizado por outros

¹⁷⁰ SIMÕES, op. cit., 2018. p. 331.

¹⁷¹ ZIN, op. cit., 2016, p.37.

¹⁷² Ibidem.

jornais do período como o jornal carioca *O Espelho Diamantino* (1827) e jornal de Recife *O Espelho das Brasileiras* (1831)¹⁷³.

A afirmativa pode ser compreendida, por exemplo, na publicação intitulada *Mandamentos das leis das moças* quando a edição nº23 de 20 de setembro de 1861 apresenta os mandamentos que deveriam ser assimilados pelo público feminino contendo as afirmativas acerca de como a mulher moderna deveria se portar socialmente¹⁷⁴. A edição datada em 30 de setembro de 1861 demonstra tal feito quando em *defesa do amável sexo* o editor se posiciona como favorável à escrita feminina, e além de manter um tom de respeito e se portando como protetor do *bello sexo* o periódico estimula a leitura do romance *Úrsula*, bem como elogia a obra de Maria Firmina no intuito de incentivá-la ao contínuo das letras.

Garantimos ao público a beleza da obra; e pedimos-lhe a sua benévola atenção. A pena da Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis já é entre nós conhecida; e convém muito animá-la, a não desistir da empresa encetada. Esperamos, pois, à vista das razões expendidas, que as nossas súplicas sejam atendidas; afiançando que continuaremos defendendo o belo e amável sexo – quando injustamente for agredido. Salus et pax.¹⁷⁵.

No *Jardim das Maranhenses*, Firmina teve a chance de afirmar seus pensamentos enquanto mulher. Para tanto, ao observar o desenvolvimento do jornal antes da participação da professora é possível analisar produções que iam em consonância com conteúdos produzidos pelos jornais, direcionados ao público feminino, da época. Nessa linha, as temáticas, anteriores à atuação de Reis, se pautavam em artigos pedagógicos no intuito de produzir às mulheres um guia de boas maneiras, legitimando, portanto, um discurso de poder a partir das publicações do olhar masculino acerca das posturas femininas¹⁷⁶.

O que se percebe é que a partir da contribuição de Maria Firmina no periódico, as produções exibidas no jornal são continuamente modificadas. Isto é, para além das dimensões de moral religiosa até então disseminadas no supracitado, a partir da atuação da autora novas temáticas passam a ser abordadas. Assim, a escrita parte de um viés feminino, é a mulher

¹⁷³ SOUZA, op. cit., 2020, p. 426.

¹⁷⁴ Ibidem, p.436.

¹⁷⁵ ZIN, op. cit., 2016, p.39.

¹⁷⁶ SOUZA, op. cit., 2020, p.441.

falando do mundo a partir de sua visão, logo, pensamentos acerca dos modos como as mulheres deveriam se portar perdem espaço para olhar feminino de si sobre a poesia. Em linhas gerais, as publicações que se seguem da autora neste periódico compreendem o interior da mulher que se expressa, quando a fala parte das próprias expectativas e experiências vivenciadas no âmago feminino¹⁷⁷.

Contudo, não se pode iludir acreditando na transformação do jornal em um antes e depois de Firmina traçando paralelos de exclusão e inclusão de temáticas. Pelo contrário, devemos sim elencar como significativa a participação da autora no periódico abarcando as modificações desenvolvidas neste, mas sem desacreditar na continuidade de produções de cunho moralista e religioso. Há, portanto, uma coexistência de produções nO *Jardim das Maranhenses* em que os dois tipos de conteúdo apresentados aqui são continuamente produzidos¹⁷⁸. Para tanto, o que se estabelece nos “pós Firmina” é a introdução de novas percepções acerca do feminino em que a mulher é percebida por ela mesma.

Ademais, se por um lado os periódicos no período estudado na sua grande maioria tinham como intuito dar visibilidade às produções femininas, sem considerar necessariamente os conteúdos, por outro havia jornais que mantinham uma certa crítica quanto aos conteúdos construídos. O *Jornal do Comércio* expressa bem essa crítica conteudista quando, na data de 4 de agosto de 1860, apresenta a obra *Úrsula* como não perfeita, apreciando sua escrita, porém, apontando o que precisava ser melhorado.

OBRA NOVA – Com título ÚRSULA publicou a Sra. Maria Firmina dos Reis um romance nitidamente impresso que se acha à venda na Tipografia do Progresso.

Convidamos aos nossos leitores a apreciarem essa obra original maranhense, que, conquanto não seja perfeita, revela muito talento da autora, e mostra que se não lhe faltar animação poderá produzir trabalhos de maior mérito. O estilo fácil e agradável, a sustentação do enredo e o desfecho natural e impressionador põem patentes neste belo ensaio dotes que devem ser cuidadosamente cultivados.

É pena que o acanhamento mui desculpável da novela escrita não desse todo o desenvolvimento a algumas cenas tocantes, como as da escravidão, que tanto pecam pelo modo abreviado com que são escritas¹⁷⁹.

¹⁷⁷ Isso pode ser observado na poesia. *Ao amanhecer e o pôr do sol* (1861) de Maria Firmina dos Reis. SOUZA, op. cit. 2020, p.444.

¹⁷⁸ SOUZA, op. cit., 2020, p. 444.

¹⁷⁹ ZIN, op. cit., 2016, p.39.

III. ÚRSULA: Disposição da obra – narrativa e construção das personagens

Analisar um romance é cortejar quem escreve, é trilhar os caminhos do imaginário como instrumento de distintas representações do real. Isto é, tendo o último como referência os escritos literários, bem como a historiografia, compreende tanto os modos de vivência quanto as diferentes expressões do passado¹⁸⁰. Para tanto, considerando o imaginário como instrumento organizador do mundo utiliza-se a realidade como referência norteadora não se misturando, entretanto, à esta.

Se compreendermos análises de obras de Firmina, como o conto *A Escrava* (1887), é possível observar como a referência pode às vezes se misturar à representação construída.¹⁸¹ Desse modo, o autor cria vínculo com o escrito na medida em que aparece no campo representado, bem como se relaciona com o construído na obra.¹⁸² Assim, a função do historiador nesse sentido é compreender como a imaginação, por ora, recorre à literatura no intuito de construir acontecimentos e assim interpretar, relacionar e/ou se afastar destes para composição dos escritos por parte do autor¹⁸³.

Em linhas gerais, a literatura abre espaço à novas possibilidades interpretativas e por conta do acesso ao subjetivo é capaz de compreender significados que se dão de maneira indireta ou metafórica nos textos¹⁸⁴. Ademais, estas experiências delineadas à caneta comportam uma imensidade de análises e hipóteses possíveis. Em *Úrsula* (1859), por exemplo, o modo *indireto* compõe expressões não compreendidas no ou em primeiro plano na obra, o

¹⁸⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. In: **Nuevo Mundo, Mundos Nuevos**. Debates, p.02, 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/1560>>. Acesso em 10 de junho de 2021.

¹⁸¹ LUZ, Giselle. A escriturância de Maria Firmina dos Reis no conto *A Escrava*. **Travessias**, Cascavel, v. 12, n. 1, p. 193-204, jan. 2018.

¹⁸² BRAGA, Marcelle D. C. Pensando a literatura: o romance e suas possibilidades de análise. In: GARCIA, Fernando Gomes (org.). **Teoria da História em debate**: modernidade, narrativa, interdisciplinaridade. Jundiaí: Paco Editorial, 2014. p. 157.

¹⁸³ WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: **Trópicos do discurso**: ensaio sobre a crítica da cultura. São Paulo: EDUSP, p. 98-101.

¹⁸⁴ PESAVENTO, op. cit., 2006, p. 02.

que pode significar um tratamento de questões ditas como principais, no entanto que são trabalhadas em segundo plano, com personagens secundárias no romance.

Ao considerarmos os aspectos implícitos dentro de uma obra literária, o ideário se expressa na busca de expor estas de maneira a compor um plano de entendimento do que o autor pensava quando na construção do texto. Sidney Chalhoub se empenha em trazer à tona aspectos expressos nos romances de Machado de Assis que não se portam de forma clara nas obras¹⁸⁵. Tratam-se de pontos ideais para compreensão do pensamento do autor no romance, mas que para isso é necessário primeiro uma compreensão de eventos políticos, culturais e sociais da época do escritor, bem como sua atuação como funcionário público para então o entendimento destes.

Vamos mais fundo. Em seu processo de análise, Chalhoub consegue traçar aspectos capazes de comportar um possível movimento intencional de Machado no romance *Helena* (1876), por exemplo. Para tanto, a relação manifesta entre *causa e efeito* expressa um reconhecimento por parte do dependente do sistema em que se encontra ao ponto de fazer uso disso para conseguir aquilo que deseja¹⁸⁶. Isso não está explícito na obra, no entanto, o trabalho do pesquisador trouxe à tona acentuações do escrito que são essenciais para compreensão dos modos como Machado de Assis percebia seu redor.

Ademais, ao considerarmos o discurso abolicionista em meados dos Oitocentos no Brasil é possível reconhecer na leitura de *Úrsula* (1859) como este se manifesta por meio da defesa da população preta como indivíduo semelhante, senão, igual ao branco. Para isso, todavia, é imprescindível que se reconheça a necessidade de análise externa ao publicado e, uma vez que a literatura se porta como material sujeito a interpretações¹⁸⁷, logo considerar o

¹⁸⁵ CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis Historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

¹⁸⁶ Em um dos momentos a moça gostaria muito de montar a cavalo, no entanto, sabia que se dissesse à Estácio que gostaria apenas que a acompanhasse o jovem não teria tanto interesse. Visto isso, Helena cria a ideia de não saber cavalgar a fim de que Estácio tivesse a falsa impressão de deter tal conhecimento sendo assim, só ele capaz de conduzir a moçoila ao aprendizado. Ao perceber que Helena já sabia montar, Estácio não fica contente e pede explicações a ela que assim responde: Havia um meio de lhe dar mais gosto em sair comigo; era fingir que não sabia montar. A ideia momentânea de sua superioridade neste assunto era bastante para lhe inspirar uma dedicação decidida, (*Helena*, capítulo VI).

¹⁸⁷ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, v.5, n.11, p.173-191, 1991.

contexto histórico, bem como as particularidades da vida de quem escreve importa no processo de análise para trazer à vista ideias implícitas no texto¹⁸⁸.

Visto isso, o escrever para uma mulher negra em uma sociedade patriarcal escravista remete a percepções do redor que não se limita a expressão romântica entre o casal na obra. Para Bakhtin, o romance como gênero compreende as questões latentes no presente e com importância para quem escreve. Assim, as experiências vivenciadas, bem como as assistidas por Firmina são capazes de levantar questões de seu tempo expressando sua opinião em formato de romance histórico¹⁸⁹.

O gênero aqui trabalhado não tem como objetivo a glorificação do passado, mas sim a manifestação do pensamento presente possuidor de dúvidas, constituindo o inacabado e o transitório¹⁹⁰. A exemplo disto, *Úrsula* exprime o desgaste do sistema escravista enquanto instituição, além da crueldade deste¹⁹¹ que o Brasil promoveu. Isto é, o romance é escrito em 1859 e mesmo não tendo uma data exata expressa na obra, é perceptível a composição de um cenário no qual a escravidão se dá como sistema econômico, mas que alguns indivíduos da sociedade, como o jovem Tancredo, se portam contrários por meio de um discurso de viés abolicionista.

Ainda pensando na disposição do romance, as personagens se encontram intimamente ligadas ao enredo, pensar na obra é pensar nas personagens, nos modos como elas se dispõem e desenvolvem na trama. Considerando isso, são as personagens que constituem a intelectualidade de quem escreve, assim sendo, analisa-las é buscar construir um caminho pelo qual o escritor se desenvolveu intelectualmente. Para tanto, se pensarmos que as personagens não podem existir separadas das outras realidades que ela encarna e lhe dão vida, logo a

¹⁸⁸ POCOCK, J. G. A. Introdução. In: **Linguagens do ideário político**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

¹⁸⁹ BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. São Paulo: Unesp, 1993.

¹⁹⁰ BAKHTIN, op. cit., 1993.

¹⁹¹ O século XIX brasileiro foi marcado por diversos acontecimentos, como a chegada da Coroa, a abertura dos Portos e o processo de abolição da escravatura tendo início em 1850 com a Lei Eusébio de Queiróz, resultando após 21 anos na Lei do Ventre Livre, subsequente a Lei dos Sexagenários (1885) e finalmente a Lei Áurea em 1888.

memória do autor pode ser entendida como instrumento no qual quem escreve se debruça sobre a realidade em que vive¹⁹².

Em consonância ao exposto, é da vida, seu cotidiano e vivência que o autor extrai elementos circunstanciais¹⁹³. Em *Úrsula*, por exemplo, a construção do cenário se dá a partir das experiências da autora quanto ao já visto e presenciado, afinal, o indivíduo necessita de um apoio memorial do existente para construção de algo novo. *Úrsula*, assim como as demais criaturas do romance, se baseia no ideário de indivíduo da época. Moça jovem, branca, órfã de pai e posteriormente de mãe, a jovem expressa o ideal da mulher da época. Virtuosa, dedicada, virgem e tímida a menina de olhos negros corresponde completamente aos modos comportamentais exigidos pela sociedade oitocentista maranhense¹⁹⁴.

Ademais, expressões como “mimosa filha da floresta”, “anjo”, “a pobre donzela”, “essa beleza adormecida e pálida”, “peito cândido e ditoso da virgem” e, “rosto pálido e aflito” são frequentemente utilizadas para se referir à personagem principal. Isso demonstra que Firmina não se encontrava distante das características ultrarromânticas expressas no gênero predominante na época¹⁹⁵, uma vez que a personagem da trama é jovem, bela e apaixonada¹⁹⁶. É *Úrsula* a jovem que desmaia e precisa constantemente ser resgatada pelo mancebo, além também de ser a mulher que sente vivacidade amorosa e sexual por Tancredo, mas os sentimentos não podem ser demonstrados por conta de não poder expressar sua sensualidade como mulher.

Contrária à *Úrsula* encontramos Adelaide, mulher sensual, que seduz e é seduzida. Nela, é possível compreender a rebeldia da mulher que não se comporta, não dá exemplo positivo e que usa da sensualidade para conquistar espaço, não se adequando, portanto, aos comportamentos exigidos socialmente. A jovem órfã é uma personagem secundária que, ao ser

¹⁹² CANDIDO, Antonio. A personagem do Romance. In: _____; et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1968.

¹⁹³ Ibidem.

¹⁹⁴ MENDES, Melissa Rosa Teixeira. **Uma análise das representações sobre as mulheres no Maranhão da primeira metade do século XIX a partir do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis**. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013.

¹⁹⁵ Ibidem, p.58.

¹⁹⁶ MUZART, Zahidé Lupinacci. “Uma Pioneira: Maria Firmina dos Reis. Muitas vozes.” **Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem UEPG**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p.247-260, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/6400>>. Acesso em: 06 maio 2018, p.253.

adotada ainda menina pela mãe de Tancredo acaba por ser prometida deste e posteriormente o trai com seu pai. Adelaide, em suma, se refere a mulher do povo¹⁹⁷, ela sofre, mas ao se submeter ao necessário para sua sobrevivência, a jovem melhora de vida quando passa de agregada à amante e posteriormente esposa adornada de joias, representação da luxúria.

A concepção do romance como princípio de modificação do real a partir de acréscimos ou deformações na narrativa¹⁹⁸, expressa os modos como o escritor se preocupa em disseminar determinadas ideias. Visto isso, Firmina quando na construção da personagem Tancredo, personagem principal, faz usos da realidade para constituir o indivíduo da elite rural nos moldes da ideologia burguesa vigente no século XIX, isto é, cavaleiro medieval—característico dentro da primeira estética romântica¹⁹⁹ — branco, de distinta família, que fora enviado à “São Paulo para cursar as aulas de Direito”.²⁰⁰

Entretanto, é na personagem homem branco que Firmina deforma, ou talvez denuncie a realidade, isto é, não se espera que Tancredo com as características anunciadas denuncie os abusos que sua mãe sofrera de seu pai, ou ainda que entendesse Túlio (escravo negro) como *almas irmãs*, mas assim se dá o desenvolvimento da narrativa.

Ao desconstruir em Tancredo alguns aspectos negativos dominantes na sociedade brasileira do século XIX, Firmina dialoga com seu presente, fazendo com que o leitor construa pontos argumentativos, indagações acerca do exposto. Assim, se como afirma Roani, na obra literária o autor pode reconstruir gestos, mentalidades e costumes, ele pode também alterar alguns elementos ficcionais a fim de expressar aspectos que gostaria de destacar²⁰¹.

Esse movimento ocorre também em *Machado de Assis, historiador*, quando Chalhoub consegue identificar como as relações se constituem dentro da *ideologia senhorial* expressa como base da sociedade escravista patriarcal. Assim, o ideário da dominação de classe, é expresso por meio da efetiva vontade do chefe de família, do senhor-proprietário, daquele que

¹⁹⁷ Ibidem, p.65.

¹⁹⁸ CANDIDO, op. cit., 1968.

¹⁹⁹ Ibidem, p.60.

²⁰⁰ REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Porto Alegre: Zouk, 2018, p.132.

²⁰¹ ROANI, G. L. Espaços que a história tece de Saramago. *Letras*, Santa Maria, v.27, p.99-100. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r27/revista27_10.pdf>. Acesso em 10 de junho de 2021.

a vontade não pode, de maneira alguma, ser violada. O romance *Helena* (1876) expressa bem o funcionamento desta ideologia de dominação.

Entretanto, como maneira de questionar os modos como este sistema se constitui, Machado de Assis cria em *Helena* não apenas a representação exata de como esse sistema se porta, mas configura a personagem principal para ser a desmistificadora deste *modus operandi*. Ela é extremamente inteligente, compreende a dinâmica do sistema e o usa a seu favor. Para tanto, como conhecedora das cadeias de *causa e efeito* constituintes da estrutura mental da ideologia senhorial a jovem induz Estácio a fazer aquilo que interessa a ela²⁰².

Dentro da narrativa do romance, também os modos como as personagens são descritas física e psicologicamente compreendem a característica do gênero. Considerando isso, o romancista busca oferecer fragmentos da definição das personagens por meio de suas características físicas e psicológicas a fim de forjar uma imagem da personagem na mente leitora²⁰³. Firmina compreende isto quando na construção, por exemplo, das personagens mãe Susana e Túlio que receberem características físicas, psicológicas e morais. Para tanto, a construção destas se dá para além da imagem do negro do século XIX brasileiro, em que se acostuma apresentar-lhes como escravos maltratados, submisso ou loucos²⁰⁴.

Assim, a escritora não pode ser compreendida como a primeira pessoa a incluir negros escravizados na narrativa, no entanto, pode-se afirmar que na literatura brasileira é a primeira vez que o negro ganha voz²⁰⁵. No caso da preta Susana, a escrava fala por conta própria da péssima experiência quando de seu rapto em África para ser escravizada no Brasil. No caso do jovem Túlio, a autora se inspira na ideia do *bon nègre*²⁰⁶ quando as personagens negras se portam como cumpridoras dos deveres para com seus senhores. Túlio expressa bem isso. Quando Tancredo dá alforria ao escravo, este se sente gratificado ao ponto de seguir e servir o mancebo por onde andasse, há um aspecto de lealdade do preto ao branco e talvez até um movimento de disputa entre Túlio e Úrsula pela atenção de Tancredo, expressando, portanto,

²⁰² CHALHOUB, op. cit., 2003, p.25.

²⁰³ CANDIDO, Antonio. A personagem do Romance. In: _____; et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1968.

²⁰⁴ MUZART, op. cit., 2013, p.256.

²⁰⁵ Ibidem.

²⁰⁶ Ibidem, p.255.

um sentimento mais enfático por parte de Túlio, seja de afeto por sentir “a dor da perda de um amigo, o primeiro talvez que o céu lhe dera”²⁰⁷, seja pela possibilidade de disputa do coração e afeto de Tancredo.

Ademais, as relações que se pretendem analisar mais profundamente neste trabalho se trata das maneiras como as personagens *mães* do romance se estruturam dentro da *ideologia senhorial* construída por Chalhoub quando na análise dos romances machadianos. Para tanto, o próximo capítulo buscará exprimir as ideias trabalhadas por Maria Firmina em *Úrsula* para além da questão estética da obra. Tomando por viés, portanto, os caminhos trilhados pelo historiador Sidney Chalhoub, a proposta se encontra em analisar como se deu a interpretação criativa da professora acerca da condição da mulher da elite rural no Maranhão do século XIX, a fim de compreender as disposições nas personagens Mãe de Tancredo e Luiza B.

²⁰⁷ REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Porto Alegre: Zouk, 2018, p.111.

Capítulo 03

PAPEL CONDICIONADO, LEALDADE E MISSÃO: MULHERES DA ELITE MARANHENSE DO SÉCULO XIX, OS CASOS DE LUÍSA B. E MÃE DE TANCREDO



I. TRANSFORMAÇÃO ACERCA DA CONFIGURAÇÃO FEMININA: a maternidade construída e o ideal da mulher-mãe como "natural" ao sexo.

A concepção centrada nos papéis sociais da família se constrói e se remodela em consonância com as necessidades sociais. Ora, nem sempre as relações que se estabeleceram entre os membros familiares se deram da maneira como percebemos na atualidade. Entre os séculos XVI e XVII, por exemplo, a família aristocrática se constituía baseada no agrupamento de diversas pessoas desde parentes, criados até dependentes e clientes. Nesse período a figura das esposas se embasavam na procriação, assim como na obrigação de manter organizada a vida social da família sem, ao menos, se preocupar com a criação dos filhos.²⁰⁸

Para tanto, ainda que a partir do século XIX o processo de modernização tenha redefinido mais enfaticamente as relações familiares, isso não se deu apenas naquele século, esse processo se iniciou em finais do século XVIII com o desenrolar dos costumes modernos europeus. A transformação do discurso pôde ser observada em publicações já nas décadas de 60 e 70 do século XVIII que ao contrariar aspectos anteriores²⁰⁹, tecem recomendações às mães acerca do cuidado com seus filhos. Há a construção do mito do amor materno e como este deve ser bem visto socialmente.²¹⁰

²⁰⁸ RESENDE, Deborah Kopke. As construções da maternidade do período colonial à atualidade: uma breve revisão bibliográfica. *Revista Três Pontos*, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 52-59, 01 jul. 2019.

²⁰⁹ Até a segunda metade do século XVIII, a relação que se estabelecia entre mãe e filho, por meio de carícias e ternuras, era tida como tendenciada ao pecado. Ver, RESENDE, op. cit., 2019. p. 52 – 59.

²¹⁰ BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Comum aos processos históricos, essas transformações no âmbito familiar se deram lentamente. Assim, o que se observa é como a morte precoce de crianças afetava a ordem econômica, visto que essas crianças não se tornavam possíveis consumidores. Isto posto, as publicações acerca da aceitação do amor materno, nos afins do século XVIII, visavam a sobrevivência das crianças em um ato favorável à espécie humana, visando, é claro, o movimento econômico. À mulher, nesse processo, é destinado os cuidados da prole antes não valorizados.²¹¹

Se no Medievo a família cuidava das crianças até que atingissem a idade de sete a dez anos e entregá-las a outrem a fim de que pudessem ser instruídas²¹², a Modernidade, por outro lado, possibilitou a abertura de sentimentos entre pais e filhos a partir da valorização da criança. Isto é, o amor materno²¹³ é exaltado como significativo, a mulher é vinculada a este amor como parte de seu instinto, assim o ato “natural” é construído socialmente no enalço dos discursos político, filosófico, médico²¹⁴ em conivência aos interesses econômicos ocupando, portanto, o lugar central no palco da vida cotidiana da civilização ocidental.

O ato de “conservar a criança” dentro da configuração social significa a intervenção na estrutura familiar a partir de uma reorganização das funções de seus membros. Visto isso, o remodelamento dos comportamentos da família no interior do desenvolvimento da noção de vida privada aponta uma modificação na consciência social acerca das interações que se davam no íntimo do relacionamento entre marido-esposa, pais-filhos.

Nesse espaço, a noção de maternidade é enfatizada em convergência com a manutenção do papel feminino não apenas na sociedade, mas no âmbito privado. À mulher, nesse viés, não cabia mais apenas a procriação, mas os cuidados com a cria devendo ser sempre vigilante e devota à sua condição biológica, afinal, é nesse momento que a valorização da figura *mulher-mãe*²¹⁵ conversa com a ordem instintiva da fêmea *homo sapiens* cabendo aqui a manutenção da ideia de “rainha do lar”.

²¹¹ MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim de. A Maternidade na História e a História dos Cuidados Maternos. **Psicologia Ciência e Profissão**, [s. l], v. 24, n. 1, p. 44-55, fev. 2004.

²¹² Ibidem, p.45.

²¹³ BADINTER, op. cit., 1985.

²¹⁴ MOURA, op. cit., 2004.p. 44 – 55.

²¹⁵ Ibidem.

Os fatores apresentados até o momento são enfatizados e o discurso melhor desenvolvido no século XIX, quando um novo padrão familiar se firma a partir da preleção burguesa configurando o amor materno como natural ao ser feminino.²¹⁶ Nesse sentido, cabia à mulher o sacrifício pelos filhos. O século esculpira, portanto, a “era das provas de amor”²¹⁷, em que a mãe se doa ao máximo para manter seus filhos saudáveis e perto de si.

No Brasil, esse movimento se estabelece na esteira da manutenção do sistema escravista²¹⁸, isto é, no território os dependentes se estendiam para além das mulheres e filhos, a condição de escravizados bem como de ex-escravos constituem um cenário distinto do Europeu. Assim, o que se observa é que ainda que a ascensão da burguesia e seus ideais tenham ganhado espaço na configuração social não apenas dos centros urbanos, as características de um país colonial organizou a estabilidade de uma ideologia senhorial própria da condição social escravista. O Estado Imperial, nessa perspectiva, buscou valorizar elementos ligados à modernidade burguesa europeia, entretanto, resistente ao desligamento de um projeto político-econômico escravista e agrário-exportador.²¹⁹

Em se tratando de seguridade da criança, o território brasileiro vivenciou o aumento de abandono infantil no século XVII. Nos dois séculos seguintes, essa situação se modificou progressivamente. A população portuguesa e de origem portuguesa passaram a se incomodar com o abandono infantil e procuraram evitá-lo mediante a fundação de instituições de acolhimento infantil, como a Santa Casa do Brasil, além de estabelecer o incentivo à adoção. Pensando nisso, o incentivo ao matrimônio se fazia possível visto a necessidade de impor regras de conduta por parte da Igreja, conduzindo, portanto, o Brasil aos ideais modernos europeus.²²⁰

²¹⁶ POSTER, Mark. **Teoria Crítica da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

²¹⁷ BADINTER, op. cit., 1985.

²¹⁸ Como já apontado por José Murilo de Carvalho, no Brasil os processos ocorreram de maneira distinta da Europa, as modificações não se sucederam na íntegra como ocorrido no exterior, aqui as mudanças se pautaram na permanência de um sistema social escravista. Ver, CARVALHO, José Murilo de. **A formação das Almas**. O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 9.

²¹⁹ MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. Os guardados da viscondessa: fotografia e memória na coleção Ribeiro de Avellar. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 73-105, jul.- dez. 2006.

²²⁰ VENÂNCIO, Renato Pinto. A maternidade negada, In: PRIORI, Mary D. (org.). **História das mulheres no Brasil**, São Paulo: Contexto, 2002.

Os ideais modernos europeus são reafirmados enfaticamente na segunda metade do século XIX, quando o discurso higienista auxilia na organização social. Na obra *Senhora*²²¹ (1874), por exemplo, Alencar apresenta a personagem sob um efeito fortalecedor acerca do movimento de liberação da mulher. Nesse sentido, ao reconhecer a existência de um processo de emancipação feminina, a política higienista constrói argumentos pontuando como tal autonomia não poderia ultrapassar os limites do lar.²²² Assim, no intuito de reforçar o ideal de mulher-mãe as estratégias do discurso higienista concentravam-se na necessidade de mostrar às mulheres aspectos que apenas elas poderiam exercer.

A modernidade compreende, assim, diversas transformações sociais repletas de contrastes. Se por um lado há a constituição de jardins botânicos, por outro a miséria estampada nas ruas se fazia realidade.²²³ A configuração feminina na modernidade expressa a própria contradição desse processo e entra em conflito com o patriarcalismo imposto constituindo, o contraditório das boas maneiras apontadas como necessárias e bem vistas socialmente pelo fenômeno do discurso burguês.²²⁴ À figura feminina cabe, nesse sentido, um contraste específico em que o abatimento moral e físico compõe o próprio “baile de máscaras” social.

No encaixe das organizações políticas e econômicas da colônia, a sociedade brasileira confunde a vida privada com a vida familiar colocando-se como intrínsecas uma à outra.²²⁵ É nesse espaço, já no início do XIX no Brasil, que o apego à casa e a família se dá de maneira exacerbada e o *ser* mulher se configura frente aos costumes das famílias aristocráticas da sociedade açucareira.²²⁶

²²¹ ALENCAR, José de. *Senhora*. In: ALENCAR, José de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959a, vol. I.

²²² COSTA, Jurandir Freire. Homens e Mulheres. In: COSTA, Jurandir Freire. **A ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 215-271.

²²³ Essas contradições sociais são percebidas com estopim da Revolução Industrial, em que vemos o avanço tecnológico de um lado em contraposição ao caos e miséria do outro. Ver, HOBBSAWM, Eric J.. *A Revolução Industrial*. In: HOBBSAWM, Eric J.. **A Era das Revoluções: Europa 1789-1848**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. Cap. 2. p. 43-69.

²²⁴ ARIÈS, Philippe. *A Família*. In: ARIÈS, Philippe. **A história social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986. p. 195-274.

²²⁵ ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *A vida privada e ordem privada no Império*. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). **A História da vida privada no Brasil: império: a corte e a modernidade nacional**. São Paulo: Cia das Letras, 1997. p. 16.

²²⁶ FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. 9ª ed. São Paulo: Record, 1996, p.112.

Aqui, a necessidade de diferenciação entre o sexo masculino e o feminino se impõe como ordem vigente da organização patriarcal. Nesse sentido, a figura feminina recebe, desde o âmbito político e, econômico e social, um delineamento das suas funções a partir de adjetivos exagerados²²⁷ relacionados aos modos de ser feminino. Para tanto, a delicadeza, bem como a graciosidade e a doçura caracterizam a idealização da mulher inalcançável e isso a bela e prendada Carolina que nos diga.²²⁸

À mulher, dessa maneira, são exigidos comportamentos sociais promovidos a partir da visão masculina. Em *Senhora* (1874), por exemplo, as personagens são construídas a partir da perspectiva de Alencar compondo um ideal de heroína que não compreende a realidade da mulher brasileira da época. Isto é, ainda que houvesse um esforço significativo de representar uma mulher um pouco mais real, esta era constituída pela visão masculina.²²⁹

Em *Úrsula* (1859), por outro lado, as personagens são construídas a partir da percepção feminina de Maria Firmina dos Reis. Entretanto, ainda que Alencar tenha composto sua obra décadas após o romance de Firmina, a disposição narrativa das personagens femininas em *Úrsula* se comporta, talvez em convergência premunitiva, com a figura passiva, dependente, submissa e à espera de seu amado apresentadas em *Senhora*. O lar, segundo a autora maranhense, é percebido como território santificado entre virtudes femininas dentro de um pacto desigual de papéis uma vez que, à mulher era destinado o confinamento das obrigações domésticas no Maranhão escravocrata.²³⁰

²²⁷ Freyre defende essa visão do feminino em que à mulher cabia a conservação da casa e da família. FREYRE, op. cit., 1996.

²²⁸ Na literatura, o Romantismo configura esse caráter da mulher ideal. À luz do sentimentalismo exagerado, é possível identificar uma figuração social do ser feminino em que à mulher estava ligado o casamento e suas obrigações posteriores. Carolina é personagem de *A Moreninha* (1844) de Joaquim Manoel de Macedo que compõe o ideal de mulher já na primeira metade do século XIX no Brasil. Ver, MACEDO, Joaquim Manuel de. **A Moreninha**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

²²⁹ SOARES, Taciana Ferreira. Senhora: uma articulação cultural da representação feminina no século XIX. **Revista Entrelaces**, [s. l], v. 1, n. 14, p. 297-313, out. 2018.

²³⁰ WOLLSTONECRAFT, Mary.(1971). **A vindication of the rights of woman**. 2 ed. New York: Dover Thrift, 1996.

II. IDEOLOGIA SENHORIAL: uma breve explicitação.

O ideário da dominação de classe, é expresso por meio da efetiva vontade do chefe de família, do senhor-proprietário, daquele que a vontade não pode ser violada. O romance *Helena* (1876)²³¹, por exemplo, expressa bem o funcionamento desta ideologia de dominação. A abertura do testamento quando o pai de Estácio morre representa como a vontade do senhor não pode ser ignorada e, ainda que o filho homem esteja ali para herdar e ser o sucessor no processo de dominação, ainda sim este é obrigado a se submeter à vontade do pai falecido.²³²

Entretanto, como maneira de questionar os modos como este sistema se constituía, em *Helena*, Machado de Assis nos apresenta o funcionamento desse sistema e sua protagonista tratou de o desmistificar. Assim, em uma relação manifesta de *causa e efeito*²³³, ela ultrapassa os elementos constituintes da ideologia senhorial e induz Estácio a fazer aquilo que interessa a ela, argumentando que a maneira de conduzir o mancebo a fazer aquilo que ela queria era gerar nele um sentimento de superioridade sobre o assunto.²³⁴

Por outro lado, Estácio é como personagem oposto à Helena. Enquanto esta é capaz de identificar a instituição da escravidão como constituída a partir do imaginário senhorial, para aquela essa capacidade crítica de análise não se faz presente. Para Estácio a escravidão é “constitutiva da ordem natural das coisas”²³⁵, assim, se os escravos são os mais dependentes dentro do sistema, logo a política de domínio.

A inviolabilidade da vontade senhorial se encontra como parte fundamental da política de domínio. Tanto escravos quanto todos os indivíduos envoltos ao senhor chefe de família são reféns de sua vontade, nada lhe passa ileso, nenhum ser pode resistir suficientemente aos seus caprichos. Assim como todo sistema de política de domínio é caracterizado pela maneira como se estrutura, o patriarcalismo é constituído por uma tecnologia própria, na qual os rituais de afirmação e as estratégias são aspectos importantes para uma efetiva manutenção da ideologia senhorial.²³⁶

²³¹ ASSIS, M. de. Helena. In: **Machado de Assis: obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

²³² CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, Historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

²³³ Ibidem, p.25.

²³⁴ ASSIS, op. cit. Capítulo IV.

²³⁵ CHALHOUB, op. cit., p.32.

²³⁶ Ibidem, p.58.

Desse modo, o que vale pontuar é que o paternalismo se compreende a partir de um mundo idealizado e imaginado pelos senhores, isto é, uma minoria numérica de chefes de família, senhores de escravos idealizando uma sociedade imaginária na qual a maioria deveria se comportar conforme seus ideais.

III. PERSONAGENS E SEUS NOMES: Mãe de Tancredo e Luiza B.

A construção das personagens implica muito no que o autor se empenhou para apresentar aos leitores. Em *Morte e vida severina* (1955) de João Cabral de Melo Neto, por exemplo, a construção das personagens é capaz de nos dar a ideia dos sofrimentos vivenciados por diversas famílias no Nordeste. Os personagens são vários, mas a vida é a mesma, a condição financeira, as oportunidades, as memórias por vezes similares. Nessa perspectiva, o autor se empenha em apresentar os muitos *Severinos* que, embora sejam pessoas distintas sofrem todos a mesma vida severina, percebe-se assim que “se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte severina”.²³⁷

Nesse sentido, é possível observar como uma personagem pode nos apresentar a individualidade de uma personalidade própria daquele grupo, ou também o autor pode construir uma personagem que represente a oposição, indignação ou resistência contra algum aspecto dominante na época em que escreveu, como Capitu²³⁸. Isso é possível identificar em Helena, personagem construída para contrariar a lógica do sistema paternalista, fator já anunciado anteriormente.

Neste processo de construção da personagem é possível que o escritor busque tratar algum aspecto identificado em personalidades da sociedade. Dessa maneira, uma personagem pode carregar um alerta sobre a condição em que determinadas pessoas vivem, assim o autor

²³⁷ MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina e outros poemas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007, p.92.

²³⁸ Maria Capitolina Santiago, também conhecida como Capitu, é uma personagem da obra *Dom Casmurro* publicada no ano de 1899 pelo aclamado Machado de Assis. Capitu é esposa de Bentinho e representa no romance a oposição entre o feminino e o masculino, pontuando como à mulher cabe o lugar de inferioridade em relação ao homem. Também, a tão discutida questão “Capitu traiu Bentinho?” se relaciona com a condição construída da imagem negativa da mulher.

não fala da individualidade de uma personalidade e, sim de maneira generalizada, de um bloco de indivíduos do meio social. Para compreendermos melhor, pensemos na construção das personagens sem nome.

Nem sempre ao não dar um nome ao personagem o autor está deixando em segundo plano o protagonismo desta, pelo contrário, algumas vezes se trata da necessidade de fazer com que o leitor relacione aquela figura aos indivíduos da sociedade que vivem daquela forma. Em *Ensaio sobre a cegueira* (1995), Saramago busca deixar o entendimento amplo, generalizar a condição daquelas personagens, associar estes aos diversos indivíduos que vivem na mesma condição. Para isso o autor não nomeia as personagens, assim, quem lê pode se identificar ou não com os percalços pelos quais aquela personagem está passando.²³⁹

Entre as personagens que se encontram sem nome, pensemos agora em Mãe de Tancredo no romance histórico *Úrsula* (1859) de Maria Firmina dos Reis. No decorrer da leitura do livro, é possível observar como a personagem configura as condições vivenciadas pela mulher da elite rural no oitocentos maranhense. Nesse caminho, Maria Firmina compreendendo as relações impostas no meio social decide apresentar nesta personagem, assim como em Luiza B., personagem com nome, os desafios enfrentados por este bloco de indivíduos femininos durante o Império.

Aqui, portanto, não se trata da concepção individualizada de uma personagem apenas, não se trata da condição vivenciada por um indivíduo no mundo, mas sim, das dificuldades vivenciadas por um grupo de mulheres dentro da política de domínio. Ademais, já deixamos de antemão que em nenhum dos casos há a personificação de indivíduo rompedor ou articulador do sistema, como é o caso de Helena e Capitu. As mães compreendem de fato a percepção construída para e esperada da mulher desde os fins do século XVIII e afirmado durante todo o XIX na Europa e, comprado pelo Brasil, seja por meio da configuração da personagem sem nome, quanto da nomeada.

²³⁹ Em entrevista concedida por Saramago à revista Folha de São Paulo (estande da editora portuguesa), o autor responde questões sobre a construção das personagens sem nome em seus escritos. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/10/17/ilustrada/1.html>. Acesso em 26 fev 2021.

IV. IDEOLOGIA SENHORIAL E O CASO DE LUIZA B.: Mãe, esposa e sofrida.

Em se tratando da configuração feminina no Maranhão do século XIX, é possível afirmar que dentre as funções sociais da mulher, a incorporação da figura *mulher-mãe* se fez efetiva. Maria Firmina, em *Úrsula* (1859), compõe um cenário em que a mulher da elite rural maranhense é refém das contradições da modernidade ocidental com as especificidades brasileiras. Luiza B., mãe de Úrsula, se encontra acamada na obra quando narra sua trajetória. Em linhas gerais, Luiza B. vivia com seus pais e seu irmão, a quem destinava afeto e carinho fraternal, quando decidiu se casar com Paulo B. indivíduo sem prestígio social. Contrário ao que seu irmão ordenou, Luiza B. se casou com Paulo B., atitude que gera o ódio de seu irmão. Em suma, a moça sofre com o homem com quem se casou, bem como sofre com o rancor de seu irmão por não o ter obedecido.

A comunicação no capítulo se dá quando Luiza B. se vê a beira da morte e pede para conversar com Tancredo a fim de lhe explicar a situação e pedir para que cuide de sua filha. Interessante notar, inicialmente, como a mãe apresenta Úrsula como *anjo de doçura e de bondade*, adjetivos comuns ao se tratar da postura social feminina.

Sou mãe, senhor! Vede minha filha! É um anjo de doçura e de bondade, e abandoná-la, deixa-la só sobre este mundo, que ela mal conhece, é a maior dor de quantas dores hei provado na vida. Sim, é a maior dor — continuou ela com amargo acento — porque então perderá o único apoio que ainda lhe resta.²⁴⁰

É possível observar como a abnegação de si estabelece um vínculo significativo entre mãe e filha. Luiza B passou por sofrimentos durante a vida, de modo que a morte poderia significar um alívio. No entanto, a mulher-mãe abdica da paz por conta da intensa preocupação com a filha. Talvez o medo de a deixar sozinha ou o peso da responsabilidade social a faça querer viver, ainda que sofrendo, apenas para se manter ao lado da filha. Nesse sentido, o amor materno se relaciona com o sentimento de sacrifício em que a mãe renuncia à própria felicidade

²⁴⁰ REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Porto Alegre: Zouk, 2018, p.167.

em prol dos filhos.²⁴¹ À mulher cabe esse dever, expressando na *maternagem* a condição “natural” do sexo feminino.

Contrário ao posicionamento de Luiza B., Paulo B. comporta atitudes inadequadas à configuração do masculino desde os fins do século XVIII. Isto é, ao passo que a família recebe uma atenção especial e os filhos passam a expressar a importância dos cuidados no lar, o pai é configurado ao engajamento da efetivação desses cuidados por meio da fiscalização da mulher dentro do lar.

Assim, o bom trato com os filhos é usado para convergir o homem agressivo no homem-pai quieto e dócil, entretanto, a imagem construída por Maria Firmina compreende ao antigo homem. Em palavras de Luiza B. “Paulo B. não soube compreender a grandeza de meu amor, acumulou-me de desgostos e de aflições domésticas, desrespeitou seus deveres conjugais”. Diferente do que veremos com Mãe de Tancredo, Luiza B. é capaz de reconhecer os erros cometidos pelo seu esposo, isso talvez por conta da coragem que a ausência dele provocou-lhe, libertando-a a dizer aquilo que pensava acerca da atuação dele como esposo.

Ademais, a regeneração do esposo ruim ao bom acontece quando no nascimento de Úrsula, é nesse momento que Firmina estabelece a importância familiar da criança. Segundo Luiza B.: “sua filha mais tarde foi o objeto de toda sua ternura, e a dor de fracamente poder reabilitar sua casa em favor dela lhe consumia, e ocupava o tempo. E ele teria sido bom”²⁴², há nesse momento uma tendência da maranhense em acreditar que um homem poderia ser regenerado quando fosse pai.

Nesse sentido, se pensarmos que se Luiza B. tivesse dado à luz desde o início da união talvez não tivesse passado maus momentos na companhia do esposo. Sem contar, que se analisarmos o casamento na perspectiva de Fernando P., ou melhor, da perspectiva da violabilidade da vontade senhorial, se Luiza não se casasse com o homem proibido por seu irmão não teria ela sofrido as amarguras desse matrimônio. Estaria, nesse sentido, Firmina sendo conivente ao ideal da vontade senhorial? Se sim, de qualquer maneira, isso apenas

²⁴¹ MENDES, Melissa Rosa Teixeira. **Uma análise das representações sobre as mulheres no Maranhão da primeira metade do século XIX a partir do romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis**. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013.

²⁴² REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Porto Alegre: Zouk, 2018, p.169.

expressaria como a professora maranhense, assim como toda humanidade, é refém das relações que se estabelecem no meio social em que vive.

Dessa forma, o que se percebe é que ainda que o irmão, Fernando P. tenha realizado atos cruéis como matar Paulo B. ainda sim em suas falas há uma intenção de perdão e simpatia para com as atitudes do irmão representando, portanto, o ideal da mulher que perdoa, compreende as atitudes horrendas masculinas, apoia e se responsabiliza por qualquer acontecimento equivocado por parte dos homens de suas vidas.

Isso pode ser observado na fala de Luiza B. quando ela explica a Tancredo sobre sua relação conflituosa com o irmão. Nas palavras da mãe: “Eu chamei seu ódio sobre minha cabeça, eu o conhecia! Seu coração só se abriu uma vez, foi para o amor fraterno”.²⁴³ Isso se justifica pois, segundo Luiza B., o irmão antes terno e carinhoso, tornou-se violento quando foi por ela contrariado.

Fernando P. se comporta como um indivíduo da sociedade patriarcal quando, a todo momento, tem anseios que necessitam ser satisfeitos por todos à sua volta. Isso pode ser observado na cena em que Úrsula foi cercada pelo tio na mata e sem saber quem era o desconhecido, quer desesperadamente ir embora, porém o homem insistiu que ela lhe desse uma palavra de esperança, o que a jovem recusou prontamente. O homem nervoso deu sequência ao monólogo

Rogai ao céu, —acrescentou — meiga, e inocente donzela, rogai ao céu para que o possa esquecer; porque se o meu amor prosseguir assim, extremo, indomável, apaixonado, haveis de ser minha; porque ninguém me desdenha impunemente. Ouvis? — disse em tom de ameaça, e depois em meia a súplica ajuntou: Oh! Por Deus, não troqueis a ventura pela dor, e quem sabe pelo... Esta ameaça horrível, dita com voz alterada, e em tais horas, erriçaram os cabelos da moça, que ficou pálida e queda de horror. Ide- concluiu ele.²⁴⁴

O comendador Fernando P. é irmão de Luiza B, mãe de Úrsula. Apesar de unidos quando crianças, a relação é apresentada como perigosa desde o início, quando Fernando P.

²⁴³ REIS, op. cit., 2018, p.167-168.

²⁴⁴ REIS, op. cit., 2018, p.194-195.

castigou uma escrava da casa porque Luiza B. havia visto nesta uma amiga.²⁴⁵ Neste momento Firmina apresenta como a personagem do comendador é aterrorizante, doentia e problemática.

Não obstante, a sociedade patriarcal apresenta suas complexidades desde cedo também, nas relações fraternais da infância. Não bastando, quando seus pais morrem Fernando P. tira quase todos os bens de sua irmã, deixando-lhe apenas a casa que habitava, bem como Túlio e Susana como escravos. Devido a todos os sofrimentos que passa com seu irmão, a Luiza B. fica inválida e doente acamada.

A política de dependentes, nesse sentido, é tão enfática dentro do romance que, para Fernando, em perspectiva similar à de Cubas e a certeza de sua superioridade em relação a todos os indivíduos, todos ao seu redor só existem para satisfazer algum aspecto de sua vida. Assim se encontra a D. Plácida²⁴⁶ que para Brás, só nascera para que o casal pudesse se encontrar amorosamente sem serem descobertos.²⁴⁷ Por outro lado, assim se encontra Luiza B., mulher provida de vida para dar ao irmão uma convivência feliz e respeitosa nos parâmetros, por ele, impostos.

O trecho supracitado se encontra no capítulo “A Matta”, quando em último feito contra a irmã, o comendador vai atrás de Úrsula a fim de que esta seja dele. Na obra esta é a primeira vez que a personagem aparece e, já transmite a ideia de superioridade, no qual o sexo masculino representa o ápice da humanidade. Se em *Dom Casmurro*, Bentinho se porta como vítima ao enfrentar a traição dos que lhes são dependentes, em *Úrsula*, o comendador se transforma em um homem violento.

Quando Fernando P. é recusado por Úrsula, seus instintos são feridos e, desse modo, ele precisa afirmar seu lugar na sociedade. Essa autoafirmação fica evidente quando o homem ameaça a jovem dizendo-lhe que ela seria sua propriedade matrimonial. É importante notar a “condição” que ele impõe sobre a vítima: *porque se o meu amor prosseguir assim*.²⁴⁸

²⁴⁵ A capacidade de enxergar no indivíduo escravizado um ser humano foi característico em algumas pessoas, não necessariamente ligadas ao movimento abolicionista, em meados do século XIX. É o caso da senhora Viscondessa de Ubá, Mariana Velho de Avellar, que compreendia os negros escravos como humanos. Ver, MUAZE, Mariana. Verso e Reverso da Memória: impressões sobre a família oitocentista a partir das cartas e fotografias da viscondessa de ubá. *Espaço Plural*, v. 21, n. 2, p. 127-136, jul. 2009.

²⁴⁶ Personagem que media os encontros proibidos entre Brás Cubas e Virginia ajudando-os a se esconderem de Lobo Neves, esposo de Virginia.

²⁴⁷ CHALHOUB, op. cit., 2003, p.80.

²⁴⁸ REIS, op. cit., 2018, p.194.

Aqui, podemos observar como a prerrogativa da ideologia senhorial se comporta na necessidade da inquestionabilidade da vontade do senhor. Pelo contrário, se fazia imprescindível que todos os dependentes se curvassem à tais ideais sem interrogações, sem manifestações contrárias e, quando muito expressavam suas opiniões estas não poderiam se sobrepor ao desejo final do senhor.²⁴⁹

Desse modo, o que vale pontuar é como o paternalismo pode ser compreendido na percepção de um mundo idealizado e imaginado pelos senhores. Isto é, uma minoria de chefes de família, senhores de escravos que idealizava uma sociedade imaginária na qual a maioria deveria se comportar conforme seus ideais.²⁵⁰ Este ideal de mundo expõe a vontade da sociedade patriarcal, à qual o desejo masculino ultrapassa qualquer possibilidade de autonomia que uma mulher poderia ter no Maranhão oitocentista, uma vez que sua vivência não está para além da submissão a outrem.²⁵¹

Firmina ao reconstruir o patriarcalismo em Fernando P., nos leva a pensar sobre as crueldades vivenciadas por mulheres, sejam elas brancas, negras ou pardas, homens brancos pobres, e por fim negros escravizados ou livres submetidos aos homens e mulheres brancos de elite. A imposição que se estabelece sobre os demais indivíduos é tamanha que, não há quem viva sem a opressão do poder da sociedade senhorial. No trecho a seguir, Fernando P., à procura de Úrsula e Tancredo, questiona a preta Susana²⁵², sobre o paradeiro do casal. Por não saber, Suzana acabou por sofrer nas mãos nas mãos do comendador. A narradora estremecida anuncia a revolta de Fernando P.:

Então um sorriso infernal lhe arregaçou o lábio superior, e seu rosto ficou hediondo.

Levem-na! - tornou acenando para Susana – Miserável! Pretendeste iludir-me, saberei vingar-me. Encerrem-na em a mais úmida prisão desta casa, ponha-se lhe corrente aos pés, e à cintura, e a comida seja-lhe permitida o quanto baste para que eu a encontre viva.²⁵³

²⁴⁹ CHALHOUB, op. cit., p. 63.

²⁵⁰ Ibidem, p. 61.

²⁵¹ MUAZE, op. cit., 2006.

²⁵² Maneira como Firmina chama Susana, escrava de Luiza B. Ver REIS, op. cit. capítulo IX, p. 176.

²⁵³ REIS, op. cit., 2018, p.243-244.

Ao impor que dessem a preta Susana comida e bebida o suficiente para que ela sobrevivesse, o senhor expressa sua vontade de vê-la morrer, a fim de que este “saboreie” o sangue da escrava. E a perseguição não termina por aí. Fernando ao encurralar Túlio, exige que ele diga onde está Tancredo, contudo quando o jovem se recusa a dizer-lhe, o comendador se transforma, ou melhor, permanece transparente quanto à odiosa manifestação de sua vontade.

Fernando P. se apresenta inconformado por Túlio não lhe responder e, a fim de conseguir o que quer questiona o jovem como quem está fazendo um favor em pedir algo quando na verdade poderia simplesmente mandar. *Estas louco, imbecil?! Não vês que peço, quando podia mandar?*²⁵⁴ Interessante notar que, sempre que não consegue algo o personagem se vê na necessidade de agredir física ou psicologicamente. Tal impulsividade irracional perpassa em outras situações, como quando a narradora ao descrever a chegada do comendador junto aos seus ajudantes, caracteriza-os como *feras humanas* sedentas por alimento, este que no caso cumpriria após o “acerto de contas”. Assim narra

E um tropel como de lobos, que devorados pela fome uivam medonhamente, aproximou-se do coche; e o grito do postilhão denunciou-lhes que estavam cercados por essas feras humanas mil vezes mais temíveis que os chacais e as hienas.²⁵⁵

O ápice da monstrosidade encontra-se quando Fernando P. assassina Tancredo na frente de Úrsula que desesperada se humilha aos pés do tio que fica feliz ao observá-la. Os modos como a sociedade patriarcal é expressa compõe a agressividade desta imposição social, uma vez que a plenitude de Fernando só é alcançada quando o indivíduo feminino é percebido frágil, triste e desesperado aos seus pés.

Para tanto, o comendador, assim como Brás Cubas, tão fiel à sua essência, domina todos os indivíduos a sua volta sendo eles homens ou mulheres. A crença em sua superioridade é enfática e característica da política de domínio. É como se a sociedade se curvasse ante ao autoritarismo alfa. Não obstante, a narradora descreve quando Úrsula, já fraca, “caiu prostada

²⁵⁴ Ibidem, p. 254.

²⁵⁵ Ibidem, p.262.

aos pés de Fernando, que semelhante à hiena, que meneia a cauda, e lambe os beiços, porque a presa não lhe escapará, olhava-a sorrindo de ferocidade”.²⁵⁶

É entre as feras humanas que se encontra Luiza B., mulher de boa índole, defensora dos escravizados, boa mãe, filha e irmã, mas sofredora, não porque quis, é claro e sim por desolação sofrida pelos dois homens em sua vida. Entre a fera fraternal e a marital se encontra uma mulher capaz de configurar a amargura da mulher branca subordinada.²⁵⁷

Se, como veremos adiante, Mãe de Tancredo é estabelecida entre um marido despótico e um filho bondoso, à Luiza B. a “meia sorte” não se expressara. Esta se vê confinada a viver em prol do poder desses homens, uma vez que ainda que Paulo B. venha a falecer e a mãe viver sozinha com sua filha, ainda há a manifestação do poder do irmão durante sua vida caótica. O que se observa quando a mãe aponta que era feliz em casa paterna, é como há uma contradição em relação ao papel do chefe de família, que nesse caso ao invés de ser manifestado na figura do pai é encontrado na personagem do irmão, o comendador Fernando P.

V. IDEOLOGIA SENHORIAL E O CASO DE MÃE DE TANCREDO: Maternidade, serviço e submissão.

Compreendendo o conceito de *ideologia senhorial* apresentado por Chalhoub é possível perceber como a Mãe de Tancredo se insere nessa ideologia. Isto é, mesmo se tratando de um conceito aplicado na análise das obras machadianas posteriores à *Úrsula*, o abarca o período escravista permeado por relações abusivas dentro da imagem ideal de sociedade construída por chefes de família.

Neste trabalho, o conceito diz respeito à preponderância da vontade do chefe de família e da forma como isso se relaciona com a composição do ideal de família. Mãe de Tancredo e o filho Tancredo, assim como os escravos, são apresentados como *dependentes* dentro desta política de dominação.

²⁵⁶ Ibidem, p.263.

²⁵⁷ PINHEIRO, Thayara Rodrigues. *Vozes femininas em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, “Uma Maranhense”*. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016, p.66.

Tancredo é dependente na medida em que mesmo sendo homem em uma sociedade machista, não consegue se sobressair em casa, seus desejos não são correspondidos visto que o paternalismo o obriga a se curvar às vontades de seu pai, fator similar ao ocorrido com Estácio em *Helena*. Mesmo sendo um homem formado em Direito, Tancredo não consegue decidir seu futuro, onde quer trabalhar nem a mulher com quem vai se casar. É seu pai quem aprova e decide os aspectos de sua vida.

Nesse caminho, como naquela casa já existe um chefe, logo todas as pessoas, sejam elas mulheres ou homens, devem obedecer aos seus caprichos.²⁵⁸ Tal aspecto se trata do exercício de manutenção de uma ordem em que ao “homem da casa” é dado a continuidade de comando dentro do círculo familiar, sendo este responsável pela educação física, moral e instrução dos filhos.²⁵⁹

Em Tancredo, Firmina se empenha em trajar a oposição ao sistema paternalista. Aqui, a mãe educa o filho segundo os preceitos aceitos socialmente, entretanto, ao acompanhar os modos como sua mãe, aquela que o ama, é prejudicada nessa organização o jovem compreende o sistema como ruim. Pensando nisso, a maranhense constrói em uma personagem masculina aquela que vai contra os modos como seu pai trata a mãe²⁶⁰ e, como a última se rende incondicionalmente às obrigações de seu sexo. Se em *Helena* podemos observar como esta questiona a lógica do sistema senhorial, em *Úrsula* encontramos Tancredo que, como homem, contradiz a ordem “natural” das coisas.

Contrário ao jovem Estácio, Tancredo é a personagem da elite rural brasileira que se empenha em contrariar, não compreendendo a lógica de um sistema que não reconhece que todos somos irmãos.²⁶¹ Em linhas gerais, é possível identificar em Tancredo a oposição à política de domínio, na qual, para o mancebo, o mundo não se faz como projeção de sua vontade, aspecto comum aos futuros chefes, uma vez que tanto se relaciona quanto reconhece os desejos dos indivíduos a sua volta.

²⁵⁸ Capítulo “A entrevista”, REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Porto Alegre: Zouk, 2018, p.141.

²⁵⁹ MUAZE, op. cit., 2009.

²⁶⁰ REIS, op. cit., 2018, p.134.

²⁶¹ REIS, op. cit., 2018, p.106.

A Mãe de Tancredo, como dependente nessa política de domínio, não possuiu um nome próprio, dessa maneira, a personagem é construída na finalidade de personificar a mãe, suas configurações sociais públicas e privadas incorporando a maternidade como intrínseca ao seu próprio ser, característica compreendida desde os fins do século XVIII como natural a toda mulher.²⁶²

Para tanto, a concepção de mulher ideal exposta na personagem compreende à idealização de um feminino que se assemelha à santa, aquela que defende a prole, que se sacrifica pelos filhos e prostra subserviência à autoridade do esposo, mesmo que isso signifique se contentar com o pouco afeto que lhe é dado, explicitando, portanto, um padrão comportamental da boa sociedade imperial brasileira.²⁶³ A fim de falar ao esposo acerca das vontades do filho, Mãe de Tancredo assume a responsabilidade da possível ira do companheiro em relação ao seu pedido, assim expressa a mulher-mãe:

Oh, Senhor, pelo amor do céu! É só para me roubardes a última ventura de um coração já morto pelos desgostos, que me negais o primeiro favor, que vos hei pedido! Que vos hei feito para merecer tanta dureza da vossa parte? Oh, quanto sois implacável em odiar-me... Sim, a lealdade e o amor de uma esposa, que sempre vos acatou, merece-vos tão prolongado, desabrido e maligno tratamento?

Perdoai-me! Mas tanto tenho sofrido; tantas lágrimas têm sulcado o rosto desfeito pelos pesares; tanta dor me tem amargurado a alma, que estas palavras, nascidas do íntimo do peito, pungentes, como toda a minha existência, não vos podem ofender. Arranca-as, Senhor, dos abismos da minha alma a agonia lenta, que nela tem gerado o desprezo e o desamor com que me tendes tratado!²⁶⁴

Para Tancredo, a mãe é a mulher pela qual todo seu afeto e adoração são destinados, diante dela a veneração se faz necessária por conta da pureza de seu coração. Na passagem supracitada a mulher claramente expressa os anseios de seu coração, sofre e fala o porquê sofre, no entanto, na companhia de seu filho a mulher-mãe apresenta uma posição de calma, e sempre conduz seu filho a respeitar a vontade de seu pai. Mesmo sofrendo com o tratamento oferecido

²⁶² MENDES, op. cit., 2013, p.121.

²⁶³ RESENDE, Deborah Kopke. As construções da maternidade do período colonial à atualidade: uma breve revisão bibliográfica. **Revista Três Pontos**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 52-59, 01 jul. 2019.

²⁶⁴ REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 139.

pelo marido, Mãe de Tancredo compreende a necessidade de se respeitar a vontade feroz de seu companheiro e os céus há de recompensá-la por isso.

No momento em que o filho questiona o posicionamento do pai, a mãe o repreende alertando-o: “Tancredo, não chames sobre ti a cólera de teu pai, Oh! Deus não protege a quem se opõe à vontade paterna”.²⁶⁵ Assim, compreende-se na figura do pai de Tancredo o senhor pelo qual os desejos e afetos dos dependentes são suprimidos na sua vontade portando uma reprodução e legitimação familiar comum no início do século XIX: a hierarquia no interior da família.

Ademais, essa hierarquia pode ser observada na fotografia que nasceria com intuito de reafirmar a imagem construída. Ao fundo, viscondessa Mariana Velho de Avellar²⁶⁶, indivíduo exemplo da expressão da mulher como personagem capaz de promover obediência ao pai, esposo e irmão revestindo o espaço doméstico como próprio dela e, a intimidade, agora valorizada, expressaria o local em que esta exerceria seu papel.

Considerando o intenso processo de modernização desde o início do século XIX a partir do desenvolvimento das cidades, do discurso de ideal da vida burguesa expressados desde os fins do século XVIII na Europa, bem como o aumento das construções de casas isoladas após a libertação dos escravos e a proclamação da República, a Corte, no Brasil, se rendeu ao desprestígio dos hábitos até então tradicionais familiares valorizando novos costumes²⁶⁷.

No encaço disto, nova família valoriza a intimidade.²⁶⁸ Nesse espaço a mulher precisou aprender a se comportar em público na medida em que passou a ser responsabilizada pelo status social da família.²⁶⁹ Desse modo, o que avalia é como a manutenção da ordem familiar oitocentista expressava uma existente fronteira entre o público e o privado em que a autoridade

²⁶⁵ REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Porto Alegre: Zouk, 2018, p.137.

²⁶⁶ Isso pode ser observado nos lugares ocupados nas fotografias, o pai sempre em primeiro plano na imagem reproduzia a ideia de autoridade máxima enquanto a mulher ocupava lugar ao fundo representando a ideia de um indivíduo que detém a visão do todo a fim de que possa melhor cuidar de todos. Ver, MUAZE, op. cit., 2006.

²⁶⁷ D’INCAO, op. cit., 2004. p. 190.

²⁶⁸ D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 187-202.

²⁶⁹ Com a ampliação da intimidade, esse processo destina à mulher a necessidade de se comportar em público. Assim, ao ser sempre observada esta passa pelo olhar avaliativo dos indivíduos, especialmente o masculino, obrigando-a a conviver de maneira educada. Ver D’INCAO, op. cit., 2004, p. 191.

do *pater* familiar e seu monopólio de violência sobre todos os membros familiares se faziam como expressão do íntimo.²⁷⁰

Nesse sentido, as estratégias criadas visavam a legitimação do grupo familiar no âmbito público, por isso de o pai de Tancredo instruir de maneira incisiva os estudos, assim como angariar trabalho significativo ao filho.²⁷¹ Pensando nisso, podemos observar que se efetiva o papel como pai, no entanto, isso não o transforma um bom pai ou bom chefe de família, muito menos tira o caráter de superioridade que comporta a personagem. Aqui se encontra o contraste, por um lado ele se impõe e efetua seu papel masculino no lar, por outro isso só ocorre em relação ao ser pai, uma vez que ele trai a esposa não cumprindo seus votos matrimoniais.

Em linhas gerais, o processo de modernização foi complexo na medida em que buscava espelhar no Brasil o processo civilizatório construído na Europa. Para tanto, a proposta comprada pela sociedade do *ser civilizado* incluía a transição da vida familiar privada para a atuação desta no âmbito público, visando o ajuste da instituição supracitada à uma nova ordem. É pensando nesta transição que a sociedade prevê uma desvalorização dos costumes tradicionais em prol da valorização dos novos costumes, obtendo apreço para com a intimidade familiar. Assim, a partir da aquisição gradual da intimidade e sentimentalidade o espaço privado é fortalecido visando ressignificações da estrutura familiar.²⁷²

Desse modo, a figura da mulher se encontraria como sinônimo dessa intimidade, expressando-se apenas na individualidade de seu lar. À Mãe de Tancredo caberia a função de expressar ao público externo, bem como ao seu lar o símbolo de docilidade, afeto, abnegação de si para serviço do lar, um amor sem limites expresso na figura da *mulher-mãe*, se submetendo o tempo todo ao narcisismo da figura masculina.²⁷³ Isso é perceptível quando Mãe de Tancredo se submete ao esposo sem contestação, aliás, o único momento em que buscou contestar algo “era a causa de seu filho que advogava!”²⁷⁴, o que gerou conflito considerando a irresponsabilidade para com seu papel obediente no lar.

²⁷⁰ MUAZE, op. cit., 2006.

²⁷¹ Capítulo “A primeira impressão”, REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 132.

²⁷² MUAZE, op. cit., 2006.

²⁷³ MENDES, op. cit., 2013.

²⁷⁴ Quando Tancredo decide conversar com seu pai acerca de suas intenções em se casar com Adelaide, órfã que sua mãe cuidava, Mãe de Tancredo, sabendo da possível exaltação de seu esposo decide tomar frente e sofrer a ira deste por amor ao filho. Ver, REIS, op. cit., 2018, p. 138.

De acordo com D’Incao, este processo de modernização pode ser caracterizado pelo uso da “máscara social” capaz de explicar as contradições apresentadas pela sociedade moderna brasileira. Isto é, o que se passa no plano social estimado é a simulação de um ideal familiar, o qual se porta socialmente para mantimento de um *status quo*. Entretanto, é na individualidade apresentada dentro dos lares que os desenlaces ocorrem quando da explosão de sentimentos e emoções carregadas por essas mulheres.²⁷⁵

Configura-se assim, a máscara social como expressão das contradições do ideal familiar em que, à mulher cabe a repressão de sentimentos no âmbito público. Interessante notar, que ainda que o discurso seja de cunho burguês, a configuração familiar muda de registro até no meio rural, a exemplo disto, isso será expresso no seio da elite rural que aos poucos busca o compromisso com o ideal de família moderna.²⁷⁶

Mãe de Tancredo compreende bem a configuração da “máscara social” quando esta, ao passo que destina as atenções ao esposo, à criação do filho e ao lar “triste vítima, chorava em silêncio, e resignava-se com sublime brandura”.²⁷⁷ Pensando nisto, no âmbito público podemos encontrar uma mulher pura, mãe e santa, enquanto no privado esta se “finava-se de saudades” do filho “porque era a vontade de seu esposo”.²⁷⁸ Assim, o que se percebe é como no âmbito da intimidade do lar se encontrava “o mais despótico poder” no qual a prole observava atenta a relação que se constituía: “Meu pai era para com ela um homem desapiedado e orgulhoso – minha mãe era uma santa e humilde mulher”.²⁷⁹

Desse modo, ao observarmos este processo de transformação social é possível compreender como as mulheres foram afetadas pelas exigências da modernização. Não obstante, se pensarmos no ambiente interno do lar podemos analisar como a mulher se expressa de maneira distinta da externa. Isto é, os modos como o indivíduo mulher se porta dentro da casa, no meio íntimo, compreende aos anseios e esperanças que esta não pode comportar no

²⁷⁵ D’INCAO, op. cit., 2004. p. 191.

²⁷⁶ Muaze nos auxilia a pensar como os discursos da modernidade afetaram a cultura e o *habitus* das famílias da classe senhorial oitocentista brasileira, por meio de relatos de Mariana Velho de Avellar, mulher da elite senhorial brasileira. Ver, MUAZE, op. cit., 2006.

²⁷⁷ REIS, op. cit., 2018, p. 134.

²⁷⁸ Ibidem, p.135.

²⁷⁹ Ibidem, p.134.

âmbito social, “ela estava desfeita, e suas feições denunciavam grande abatimento moral”²⁸⁰ dizia Tancredo sobre sua mãe. No último, ela deveria reconhecer a necessidade da autoridade masculina — do pai, marido ou irmão — na medida em que auxiliavam no trato da figura, imagem pública dos homens de sua vida.

Logo, o âmbito familiar da elite rural brasileira espelhada na modernidade europeia era capaz de trajar uma máscara na qual, no âmbito público a figura masculina representava um capital simbólico imprescindível e as mulheres eram responsáveis pela manutenção de tal imagem. Entretanto, dentro dos lares, na intimidade do interno, “esse homem aparentemente autônomo, envolto em questões de política e economia, estava na verdade rodeado por um conjunto de mulheres das quais esperava que o ajudassem a manter sua posição social”.²⁸¹

A personagem Mãe de Tancredo é a representatividade dessa mulher-mãe do Maranhão Oitocentista. Isto é, a mulher respeitada, que contrária à Adelaide “mulher bela e sedutora, dessas que enlouquecem desde à primeira vista”²⁸², é a tímida, que aceita e se submete. Nesse sentido, contrário ao que Tancredo encontrou em Adelaide, Úrsula se apresenta como mulher-mãe ideal uma vez que expressa o espelho materno de Tancredo.²⁸³

É por meio da construção de uma personagem sem nome, que Maria Firmina busca criticar a violência praticada pelos homens. Estes que tanto necessitavam do auxílio feminino para manter sua reputação social, são capazes de construir e fortalecerem um ambiente no qual as esposas são afetadas psicologicamente, emocional e fisicamente. A Mãe de Tancredo morre e, para o filho essa morte só pode estar ligada aos modos como fora tratada pelo seu esposo ao longo de tão dolorosa existência.

Quando ao chegar na casa onde Tancredo nasceu e onde sua mãe cessara seus tristes dias de vida, o jovem se depara com Adelaide como esposa de seu pai e, ao avistar o chefe de família pede que este o restitua as duas mulheres que havia deixado sob seus cuidados e ao se referir à sua mãe afirma:

A outra — prossegui —, a outra atormentastes, torturastes, conduzistes lentamente à sepultura. Seu crime? Oh, meu pai...Minha mãe era uma angélica

²⁸⁰ Ibidem, p. 133.

²⁸¹ D’INCAO, op. cit., 2004. p. 191.

²⁸² REIS, op. cit., 2018, p. 133.

²⁸³ MENDES, op. cit., 2013, p.122.

mulher, e vós, implacável no vosso ódio, envenenastes lhe a existência, a roubastes ao meu coração...Oh! Suas cinzas, senhor, clamam justiça contra os autores de seus últimos pesares, contra aqueles que riram sobre suas dores.²⁸⁴

Visto isso, a ideologia senhorial se encontra expressa nas relações desta família da elite rural na medida em que o pai de Tancredo pode ser compreendido como expressão da inviolabilidade da vontade senhorial.²⁸⁵ Isto é, a ferocidade com a qual suas vontades são estabelecidas dentro da intimidade do lar resulta na repressão dos dependentes²⁸⁶, Mãe de Tancredo e Tancredo, os quais sofrem todas as dores físicas e mentais de um sistema tão opressor.

O que se percebe é como o imaginário patriarcal é muitas vezes aceito e reafirmado por parte do grupo feminino aqui analisado, como é o caso de Mãe de Tancredo que após conversa com esposo acerca do possível noivado de Tancredo com Adelaide, tem confirmado como ninguém é capaz de prevalecer à vontade do chefe, assim, a mãe mais uma vez obedece.

Ide-vos – e acrescentou no mesmo tom: - Dizei a vosso filho que a vontade de seu pai não a domastes vós, e ninguém o conseguirá.
E nem uma palavra de esperança: ... – soluçou minha infeliz mãe.
Ide-vos – tornou-lhe o endurecido esposo.
Ela obedeceu.²⁸⁷

Ainda que o papel masculino no interior do núcleo familiar se pautasse na necessidade de “dar exemplo” de boa conduta moral²⁸⁸, isso dentro da lógica ideal familiar, na prática pai de Tancredo corrompe esse valor quando se casa com a prometida de seu filho. Em outras palavras, se por um lado alguns valores da família patriarcal caem por terra e outros são

²⁸⁴ REIS, op. cit., 2018, p. 159.

²⁸⁵ Em *Helena*, o pai de Estácio manifesta suas vontades mesmo quando está morto, por meio de testamento. Ele passa por cima de todos os indivíduos ali presentes (vivos), sua imposição é tão forte no imaginário social que ainda que falecido todos o obedecem. CHALHOUB, op. cit., 2003, p. 19. É nesse nível que se encontra pai de Tancredo que, ao desejar as coisas ao seu redor acaba por adquiri-las, mesmo que isso traga ruínas aos envolvidos.

²⁸⁶ Se pensarmos como o pressuposto da inviolabilidade da vontade senhorial se pautava nas políticas de domínio desde escravos aos agregados e dependentes, como a escravidão era tida como fator máximo de dependência, logo tudo que se praticava com os dependentes (esposas e filhos) podia ser justificado, uma vez que não ultrapassava os limites do trato para com os escravos. Para saber sobre inviolabilidade da vontade senhorial ver, CHALHOUB, op. cit., 2003, p. 55.

²⁸⁷ REIS, op. cit., 2018, p. 140.

²⁸⁸ MUAZE, op. cit., 2009.

ressignificados, em pai de Tancredo há a permanência de um costume patriarcal em que ao indivíduo chefe de família cabe infinitas possibilidades de exploração de outrem a fim de que seus desejos sejam supridos²⁸⁹, mesmo que para isso haja quebra da moral e dos bons costumes.

Dessa maneira, é possível observar na civilidade construída pela sociedade moderna maranhense os desastres que esta resulta nos dependentes deste sistema, pessoas desoladas, chorosas e amarguradas. E, essas figuras maternas, mulheres da elite rural ao se verem obrigadas a se submeterem, a servirem e a se sacrificarem aos homens de suas vidas muitas vezes apenas aceitam seu papel, como a Mãe de Tancredo.

Em vista disso, essas mulheres se encontram cercadas pelo imaginário construído para os dependentes que nem sempre percebem que as ideologias se tratam de invenções construídas em processos históricos próprios.²⁹⁰ E, se para Helena *o medo é um preconceito dos nervos. E um preconceito desfaz-se; basta a simples reflexão*²⁹¹, à sociedade cabe o reconhecimento da construção social do papel da mulher convergindo na superação do mito materno a partir da crítica e da reflexão.

²⁸⁹ Quando Tancredo se apaixona por Adelaide, o jovem pede ao seu pai que abençoe o compromisso, no entanto, o pai impõe uma condição ao filho ao propor que fique um ano separado da jovem enquanto trabalha em outro estado. O jovem reticente aceita, contudo, quando volta de sua viagem sua mãe que já havia morrido perde espaço para Adelaide que é estabelecida como a nova esposa de pai de Tancredo. Ver capítulos: “A primeira impressão”, “A Entrevista”, “A Despedida” e “Adelaide”. REIS, op. cit., 2018.

²⁹⁰ CHALHOUB, op. cit., 2003, p. 71.

²⁹¹ ASSIS, op. cit., 1994.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Em caminhos finais, este trabalho nos auxiliou pensar como os papéis sociais são atribuídos, ou mesmo impostos socialmente dentro de um processo complexo e não linear. Isto é, o que se percebe é que nem sempre à mulher coube a configuração da mãe como ideal ao sexo, pelo contrário, ao papel feminino o *ser mãe* não se pautava no exercício de cuidar diretamente da criança. Pensando nisso, esta pesquisa nos conduziu a pensar como o processo de modernização impactou profundamente as tarefas tidas como obrigatórias e “naturais” ao sexo feminino.

É dentro do sistema paternalista que ambas as mães do romance se encontram. Em análise realizada, foi possível identificar como o sistema patriarcal aflige, maltrata e subalterniza as mulheres ao ponto de deixá-las doentes psicológica e fisicamente. É dentro desse sistema que o homem prevalece em suas ações são sempre justificadas quando elas não obedecem. Não obstante, partindo da compreensão da ideologia senhorial de Chalhoub²⁹², esta pesquisa se buscou desenvolver uma análise do sistema paternalista por meio da construção das personagens mães da obra *Úrsula*. Para tanto, conclui-se como o Brasil do século XIX buscou o processo de modernização, assim exigindo da família elite rural brasileira o enquadramento à novas normas sociais, nas quais as mulheres se viram obrigadas a se submeterem à tal condicionamento.

Desse modo, elas foram responsáveis por dar todo suporte necessário para que o homem se sobressaísse no âmbito público, enquanto elas se viam sobrevivendo à uma existência de abusos, transtornos psicológicos e físicos para sustentar a máscara social da mulher ideal. No trecho “Canta os extremos d’uma mãe querida, que te idolatra, que te adora tanto!”²⁹³ percebe-se como Maria Firmina dos Reis reconhecia essa organização da política de

²⁹² CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis Historiador**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

²⁹³ Poema de Maria Firmina dos Reis encontrado na obra **Úrsula e outras obras**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018. p. 202-203.

domínio do século XIX brasileiro, entendendo o papel da mãe como aquela parecida com uma santa. A partir da análise da construção das personagens, bem como do desenvolvimento deste romance histórico compreende-se como a vontade do senhor, chefe de família não pode de maneira alguma ser contestada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



ALENCAR, José de. Senhora. In ALENCAR, José de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959a, vol. I.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. A vida privada e ordem privada no Império. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). **A História da vida privada no Brasil: império: a corte e a modernidade nacional**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

ARAÚJO, Roni César Andrade de. O Impacto da Escrita na Sociedade Maranhense do Início do Século XIX. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 28., 2015, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: S.I., 2015. p. 1-10.

ARAÚJO, Roni César Andrade de. Um processo de jornalismo à época da independência: maranhão, 1829-1832. **Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História**, [S.L.], v. 16, n. 27, p. 328-335, 11 mar. 2019. Universidade Estadual do Maranhão.

ARIÈS, Philippe. A Família. In: ARIÈS, Philippe. **A história social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986. p. 195-274.

ASSIS, M. de. Helena. **Machado de Assis: obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Unesp, 1993.

BRAGA, Marcelle D. C.. Pensando a literatura: o romance e suas possibilidades de análise. In: GARCIA, Fernando Gomes (org.). **Teoria da História em debate: modernidade, narrativa, interdisciplinaridade**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014. p. 157.

CAMILOTTI, Virginia; NAXARA, M. R. História e Literatura: fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil. **História: Questões & Debates**, UFPR, n. 50, p. 15- 49, jan./jun. 2009.

CANDIDO, Antonio. A personagem do Romance. In: _____; et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1968.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. Ed. Belo Horizonte: Vila Rica Editoras Reunidas Ltda, 2000.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das Almas**. O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, Jéssica Catharine Barbosa de. Maria Firmina dos Reis: incursões poéticas no cenário oitocentista. In: DUARTE, Constância Lima (org.). **Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora**. Rio de Janeiro: Malê, 2018. p. 269.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis Historiador**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, v.5, n.11, p.173-191, 1991.

COSTA, Jurandir Freire. Homens e Mulheres. In: COSTA, Jurandir Freire. **A ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 215-271.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 187-202.

DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina e os primórdios da ficção Afro-brasileira. In: **Úrsula**. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

FONSÊCA, Natália Raposo da. Aluísio Azevedo e a imprensa maranhense do século XIX. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 31, 2008, Natal. Artigo. Natal: Intercom, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. 9ª ed. São Paulo: Record, 1996.

GADINI, Sérgio Luiz; REIS, Thays A. Breve panorama da cultura nos jornais maranhenses do século XIX. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 27, n. 1, p. 148-155, jan. 2017.

GALVES, Marcelo Cheche. “Aderir”, “jurar” e “aclamar”: o império no maranhão (1823-1826). **Almanack**, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 105-118, jun. 2011. FapUNIFESP (SciELO).

GARCIA, Débora Cristina Ferreira; FERREIRA, Luzmara Curcino. Leitores de folhetim do século XIX no Brasil: uma análise de representações discursivas desses novos leitores de folhetim do correio paulistano. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 1, n. 36, p. 105-131, maio 2014.

GOFF, Jacques Le. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HOBSBAWM, Eric J.. **A Era das Revoluções: Europa 1789-1848**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

JESUS, Matheus Gato de. **Racismo e Decadência: sociedade, cultura e intelectuais em São Luís do Maranhão**. 2015. 141 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015

LOPES, Dirceu Fernandes. **Resgate histórico do jornalismo brasileiro – parte 1: Dos primórdios até a Proclamação da República**, [s.d.].

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. ? -?

LUZ, Giselle. A escrituragem de Maria Firmina dos Reis no conto “A Escrava”. **Travessias**, Cascavel, v. 12, n. 1, p. 193-204, jan. 2018.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **A Moreninha**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: invisibilidade e presença de uma romancista negra no Brasil do século XIX AO XXI. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2018. p. 7-42.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 33, n. 96, p. 91-108, ago. 2019. FapUNIFESP.

MARRA, Laísa. A construção do sujeito negro em A Escrava, de Maria Firmina dos Reis. In: DUARTE, Constância Lima (org.). **Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

MARTINS, Ricardo André Ferreira. Breve panorama histórico da imprensa literária no Maranhão Oitocentista. **Animus**, Santa Maria, v. 18, n. 1, p. 109, jul. 2010.

MENDES, Melissa Rosa Teixeira. **Uma análise das representações sobre as mulheres no Maranhão da primeira metade do século XIX a partir do romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis**. 2013. 148 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina e outros poemas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.

MONTELLO, Josué. A primeira romancista brasileira. In: DUARTE, Constância Lima *et al* (org.). **Maria Firmina dos Reis**: faces de uma precursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018. p. 15-20

MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim de. A Maternidade na História e a História dos Cuidados Maternos. **Psicologia Ciência e Profissão**, [s. l.], v. 24, n. 1, p. 44-55, fev. 2004.

MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. Os guardados da viscondessa: fotografia e memória na coleção Ribeiro de Avellar. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 73-105, jul-dez. 2006.

MUAZE, Mariana. Verso e Reverso da Memória: impressões sobre a família oitocentista a partir das cartas e fotografias da viscondessa de ubá. **S.I.**, S.I, v. 21, n. 2, p. 127-136, jul. 2009.

NASCIMENTO, Imaculada. A poesia como guardiã do corpo. In: DUARTE, Constância Lima (org.). **Maria Firmina dos Reis**: faces de uma precursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018. p. 178.

MUZART, Zahidé Lupinacci. “Uma Pioneira: Maria Firmina dos Reis. **Muitas vozes.**” **Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem UEPG**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p.247-260, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/6400>>. Acesso em: 06 maio 2018, p.253.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. In: Nuevo Mundo Mundos Nuevos. **Debates**, p.02, 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/1560>>. Acesso em 10 de junho de 2021.

PINHEIRO, Roseane Arcanjo. Gênese da imprensa no Maranhão nos séculos XIX e XX. In: **V ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA**, 5., 2007, São Paulo. Artigo. São Paulo: Intercom, 2007.

PINHEIRO, Thayara Rodrigues. **Vozes femininas em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, “Uma Maranhense”**. 2016. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016, p.66.

PINTO-BAILEY, Cristina Ferreira. A Escrava, de Maria Firmina dos Reis. In: DUARTE, Constância Lima (org.). **Maria Firmina dos Reis**: faces de uma precursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018. p. 105.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Fortes laços em linhas rotas**: literatos negros, racismo e cidadania na segunda metade do século XIX. 2014. 326 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014, p.113.

POSTER, Mark. **Teoria Crítica da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

POCOCK, J. G. A. Introdução. In: **Linguagens do ideário político**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil**: a história do levante dos malês em 1835. Edição revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Porto Alegre: Zouk, 2018, p.167.

RESENDE, Deborah Kopke. As construções da maternidade do período colonial à atualidade: uma breve revisão bibliográfica. **Revista Três Pontos**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 52-59, 01 jul. 2019.

RI, Luciene Dal. A construção da cidadania no Brasil: entre império e primeira república. **Espaço Jurídico**, Joaçaba, v. 11, n. 1, p. 7-36, jan. 2010.

ROANI, G. L. Espaços que a história tece de Saramago. **Letras**, Santa Maria, v.27, p.99-100. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revistaletas/artigos_r27/revista27_10.pdf>. Acesso em 10 de junho de 2021.

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. **Fábrica de contos**: as mulheres diante do cientificismo em contos de Machado de Assis. 2009. 242 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009, p.129.

SIMÕES, Bárbara. Remexendo arquivos: abolição e existencialismo em Maria Firmina dos Reis. In: DUARTE, Constância Lima (org.). **Maria Firmina dos Reis**: faces de uma precursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018. p. 330.

SOARES, Taciana Ferreira. Senhora: uma articulação cultural da representação feminina no século XIX. **Revista Entrelaces**, [s. l], v. 1, n. 14, p. 297-313, out. 2018.

SOUZA, Natália Lopes de. A experiência editorial de Maria Firmina dos Reis no periódico O Jardim das Maranhenses. **Aedus**, Porto Alegre, v. 12, n. 26, p. 433, ago. 2020.

VENÂNCIO, Renato Pinto. (2002), A maternidade negada, In M. D. Priori (org.), **História das mulheres no Brasil**, São Paulo, Contexto, 2004.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. “Cartas, procurações, escapulários e patuás: os múltiplos significados da escrita entre escravos e forros na sociedade oitocentista brasileira”. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 2, n. 2, p.103-122, jul. 2002.

WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: **Trópicos do discurso: ensaio sobre a crítica da cultura**. São Paulo: EDUSP, p. 98-101.

WOLLSTONECRAFT, Mary. (1971). **A vindication of the rights of woman**. 2 ed. New York: Dover Thrift, 1996.

ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista**. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016, p.36.

ZIN, Rafael Balseiro. Maria Firmina dos Reis e a imprensa literária no Maranhão do século XIX. **Rev. Interd. em Cult. e Soc. (Rics)**, São Luís, v. 4, n. especial, dossiê temático, p. 15-27, jan. 2018.

ZIN, Rafael Balseiro. Maria Firmina dos Reis e seu conto A Escrava: consolidando uma literatura abolicionista. In: DUARTE, Constância Lima (org.). **Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora**. Rio de Janeiro: Malê, 2018. p. 189.